

“Quem conta um conto acrescenta um ponto”: as drogas como notícia em Portugal

Pedro Henrique Ferreira de Gouveia
Barbosa

M

2021



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**“QUEM CONTA UM CONTO ACRESCENTA UM PONTO”:
AS DROGAS COMO NOTÍCIA EM PORTUGAL**

Pedro Henrique Ferreira de Gouveia Barbosa

Outubro, 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor **Jorge Negreiros** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo da presente dissertação reflete as perspectivas, trabalho e interpretação do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter imprecisões, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas posteriormente ao prazo da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização do seu conteúdo deve ser exercida com cautela.

Ao submeter esta dissertação, o autor declara que é o resultado do seu próprio trabalho, contém contributos originais e que todas as fontes utilizadas são reconhecidas, encontradas devidamente citadas no texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À minha família, pelo braço firme que me orienta e pelo abraço terno que reconforta.

Ao meu pai, por ser sinal de luta e resistência,

À minha mãe, pela extraordinária força e espírito de entrega,

Aos meus irmãos, pelo carinho singular e alegre,

À Carolina, pelo auxílio e pela motivação contínua.

Aos meus amigos, companheiros desta viagem extraordinária e imensamente rica, pela presença constante e pelos “abraços e abraços de amizade”.

À Salomé, pela parceria perfeita, pela presença constante e por me complementar a cada passo desta viagem,

À Rita, à Bárbara, à Maria e à Rita, pela sincera partilha de vida e amizade,

Ao Moisés e ao Esteves, pelo épico companheirismo e camaradagem,

À Melissa, pela entrega e entreaajuda nos momentos de aperto.

Ao Professor Doutor Jorge Negreiros, pelo auxílio e orientação.

À Invicta, por fazer das suas ruas Porto de abrigo

Resumo

Os meios de comunicação social, enquanto elementos de disseminação de informação, desempenham um papel vital na construção do discurso social em torno dos mais variados aspetos do quotidiano. É através destes que a sociedade de massa, enquanto corpo composto por elementos variados, atinge o consenso, vital para a coesão social e perpetuação da normatividade. Os media detêm um controlo considerável sobre as narrativas relativas à experiência humana, realçando ou encobrendo temas, fenómenos, e atores, por meio de mecanismos próprios, de acordo com múltiplos fatores de interesse. No domínio da desviância, estes mecanismos, enquanto formas de controlo social, desempenham um papel crucial na perpetuação da marginalização e discriminação dos seus intervenientes. Tal facto é particularmente notório no que toca ao discurso social sobre as Drogas.

A presente dissertação procurou descrever de que modo são formuladas as notícias sobre as Drogas, por forma a identificar quais os fenómenos e os atores reportados e de que forma ambos são enquadrados no discurso mediático. Para tal, recorreu-se à análise de conteúdo (categorial temática) de 535 notícias, retiradas de 3 diários digitais: PÚBLICO, Correio da Manhã e Jornal de Notícias.

Os resultados demonstram uma aparente neutralidade na construção do discurso em torno de atores e fenómenos comumente estereotipados no discurso social. Demonstram, também, um foco primordial na criminalidade associada ao fenómeno da Droga, expressa pela frequente reportagem de eventos marcados pela ação das forças de autoridade e a sub-representação de atores vitais no panorama da Redução de Riscos e Minimização de Danos (RRMD). A análise permitiu identificar dois enquadramentos principais, distintos: o primeiro, que encapsula as narrativas numa lógica penal/criminal; e o segundo, de cariz mais interventivo, associado a uma vertente sócio-sanitária.

Advoga-se o estudo contínuo dos efeitos da comunicação social na construção do discurso social em relação às Drogas, por forma a identificar estratégias que permitam a aproximação dos atores sub-representados às estruturas mediáticas, de modo a dotar o discurso social de narrativas mais humanizantes e mais exaustivas na descrição de todas as vertentes do fenómeno da Droga.

Palavras-chave: Drogas; Imprensa Escrita; Análise de Conteúdo; *Framing*

Abstract

The media, as information dissemination tools, play a vital role in the construction of the social discourse around the most varied aspects of daily life. It is through the media that mass society, as a mass composed of varied individuals, achieves the consensus that is vital for social cohesion and the perpetuation of normativity. The media detains a considerable amount of control of the narratives concerning human experience, highlighting, or concealing themes, phenomena, and actors, through their own mechanisms, according to multiple factors of interest. In the field of deviance, these mechanisms, as forms of social control, play a crucial role in perpetuating the marginalisation and discrimination of those involved. This fact is particularly notorious when it comes to the social discourse on Drugs.

This dissertation sought to describe how the news articles on Drugs are formulated, in order to identify which phenomena and actors are reported and how both are portrayed in the media discourse. For that purpose, a content analysis of 535 news articles was carried out on three digital newspapers: PÚBLICO, Correio da Manhã and Jornal de Notícias.

The results show an apparent neutrality in the construction of the discourse around actors and phenomena commonly stereotyped in the social discourse. They also show a primary focus on the criminality of drug phenomena, expressed by the frequent reporting of events marked by the action of law enforcement and the underrepresentation of vital actors in the panorama of Harm Reduction. The analysis conducted allowed the identification of two distinct frameworks: the first, which encapsulates the narratives within a penal/criminal logic; and the second of a more interventional nature, associated with a socio-social approach. distinct frameworks that express the disparity in the conception of Drugs and its phenomena.

The continuous study of the effects of media in the construction of the social discourse on Drugs is advocated, to identify strategies that allow the approach of under-represented actors towards media structures, so as to endow the social discourse with more humanizing and exhaustive narratives in the description of all aspects of the phenomena of Drugs

Keywords: Drugs; Written Press; Content Analysis; Framing

Résumé

Les médias, en tant qu'éléments de diffusion de l'information, jouent un rôle essentiel dans la construction du discours social autour des aspects les plus variés de la vie quotidienne. C'est par le biais de ces médias que la société de masse, en tant que corps composé d'éléments variés, atteint le consensus indispensable à la cohésion sociale et à la perpétuation de la normativité. Les médias ont le contrôle des récits concernant l'expérience humaine, mettant en évidence ou dissimulant des thèmes, des phénomènes et des acteurs, par le biais de leurs propres mécanismes, en fonction de multiples facteurs d'intérêt. Dans le domaine de la déviance, ces mécanismes, en tant que formes de contrôle social, jouent un rôle crucial dans la perpétuation de la marginalisation et de la discrimination des personnes concernées. Ce fait est particulièrement notoire lorsqu'il s'agit du discours social sur les drogues.

La présente thèse a cherché à comprendre comment les informations fournies par les médias sur les drogues sont formulées, afin d'identifier les phénomènes et les acteurs qui sont rapportés et comment ils sont encadrés dans le discours médiatique. À cette fin, une analyse de contenu (catégorique thématique) de 535 articles d'actualité a été réalisée sur trois journaux digitaux : PÚBLICO, Correio da Manhã et Jornal de Notícias.

Les résultats montrent une apparente neutralité dans la construction du discours autour des acteurs et des phénomènes communément stéréotypés dans le discours social. Ils démontrent également une focalisation primaire sur la criminalité des phénomènes liés à la drogue, exprimée par le rapport fréquent d'événements marqués par l'action des forces de l'ordre et la sous-représentation d'acteurs essentiels dans le panorama de la réduction des risques et minimisation des dommages (RRMD). L'analyse nous a permis d'identifier deux cadres principaux et distincts: le premier, qui inscrit les récits dans une logique pénale/criminelle, et le second, de nature plus interventionnelle, associé à un aspect socio-social.

L'étude continue à propos des effets des médias dans la construction du discours social sur les drogues est préconisée, afin d'identifier les stratégies qui permettent l'approche des acteurs sous-représentés aux structures médiatiques, de manière à doter le discours social de récits plus humanisants et exhaustifs dans la description de tous les aspects du phénomène des drogues.

Mots-clés: Drogues; Presse écrite; Analyse du contenu; Cadrage

Índice

Enquadramento Teórico	1
1. Massificação e Mass Media	1
1.1. Cultura de Massa	1
1.2. Sociedade de Massa	2
1.3. Comunicação de Massa	3
1.4. Comunicação de Massa e <i>Mass Media</i>	4
1.5. Efeitos dos <i>Mass Media</i>	5
1.5.1. Gatekeeping	5
1.5.2. Agenda Setting	5
1.5.3. Framing	6
1.6. Controlo Social e Pânico Moral	7
1.7. Discurso dos <i>Mass Media</i>	8
2. Drogas	9
2.1. Drogas, uso/consumo	9
2.2. Discurso mediático acerca das drogas	11
2.2.1. Estereotipia	12
2.2.2. Sensacionalismo	13
2.2.3. Simplificação	14
Metodologia	14
1. Objeto e objetivo	14
1.1. Questões de Investigação	15
2. Enquadramento metodológico	15
3. Recolha de dados	17
4. Análise	19
4.1. Análise Categorical Temática	19
Apresentação e Discussão de Resultados	21

Conclusão	37
1.Notas finais	37
2.Limitações do estudo	37
3.Recomendações para investigações futuras	39
Referências Bibliográficas	41

Índice de Anexos

Anexo A	49
Figura 1 - Fluxograma relativo à seleção da amostra para análise	
Anexo B	50
Tabela 1 - Sistema de Categorias utilizado	
Anexo C	53
Tabela 2 - Ações identificadas no material em análise	
Anexo D	54
Tabela 3 - Intervenientes identificados no material em análise	
Anexo E	55
Tabela 4 - Substâncias identificadas no material em análise	
Anexo F	56
Figura 2 - Dendrograma hierárquico	

Lista de Abreviaturas

CM – Correio da Manhã

GNR – Guarda Nacional Republicana

JN – Jornal de Notícias

JSD – Juventude Social Democrata

LSD – Lisergida

MDMA – Midomafetamina

MP – Ministério Público

OEDT - Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência

OMS- Organização Mundial de Saúde

PAN – Partido Animais e Natureza

PJ – Polícia Judiciária

PSD – Partido Social Democrata

PSP – Polícia de Segurança Pública

PUSP – Pessoas que Usam Substâncias Psicoativas

RRMD – Redução de Riscos e Minimização de Danos

SICAD - Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

UNODC - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

VIH - Vírus da Imunodeficiência Humana

Enquadramento Teórico

1. Massificação e *Mass Media*

1.1. Cultura de Massa

A cultura pode ser definida como um sistema complexo de modelos, papéis, valores, mitos, símbolos e imagens, interiorizado pelos indivíduos ao longo de um processo de socialização, que permite estruturar e orientar os diferentes modos de pensar, agir e sentir dos atores sociais (Dias, 2001). Edgar Morin, na sua obra *Sociologia*, propõe a distinção de três tipos de cultura: a cultura humanista, a cultura científica, e a cultura de massa (citado por Dias, 2001, p.41). Embora estes três conceitos ofereçam uma visão completa dos diferentes fenómenos associados à experiência humana, para esta dissertação importa direcionar a atenção para a cultura de massa. A cultura de massa define-se pelo conjunto de conteúdos culturais, difundidos por meio da comunicação de massas na sociedade moderna industrializada e urbanizada (Koceva & Mirascieva, 2018). Segundo Macé (2002), diz respeito ao conjunto de objetos culturais (e as práticas vinculadas) produzidos pelas indústrias culturais (meios de comunicação, grupos de comunicação multinacionais e empresas, entre outros) para um grande público heterogéneo.

Morin (citado por Dias, 2001, p. 42) critica esta redução da cultura de massa àquela difundida pelos meios de comunicação, propondo um conceito onde a cultura de massa desenvolve-se nos e pelos meios de comunicação de massa, em função da dinâmica da sociedade industrial, de acordo com a lei da oferta e da procura. Não é, portanto, um produto direto dos meios de comunicação (ibidem).

O conceito de massa figura-se como uma categoria sociologicamente significativa e analiticamente útil na descrição de determinados públicos, tipos de sociedade, e formas de produção cultural (Lang & Lang, 2009), no qual se identificam características essenciais à sua definição. A Massa (*mass*) consiste, então, num agregado de membros heterógeno, na medida que engloba sujeitos de diferentes culturas, estratos sociais e graus de prestígio, poder, influência e privilégio, provenientes de diferentes contextos e níveis socioeconómicos (Wirth, 1948). Estes membros encontram-se dispersos por uma vasta área geográfica, sendo

por isso anónimos (Wirth, 1948), ainda que possam ter uma vaga consciência da existência de outros membros que são atraídos pelos mesmo objetos ou conteúdos mediáticos, que adotam as mesmas modas, comportam-se de forma semelhante, ou movem-se numa direção paralela à sua (Lang & Lang, 2009), e que, portanto, podem pertencer à mesma massa. A massa não constitui um grupo organizado, não possui liderança nem um plano de ação bem definido, nem tão pouco possui costumes, tradições ou regras que regulam a ação dos seus membros (Wirth, 1948). Cresce, desintegra-se ou renova-se consoante as mudanças na atenção dos seus membros, carecendo de coesão (Lang & Lang, 2009). É, deste modo, um sistema aberto, composto por membros cujo comportamento é imprevisível e caprichoso (Wirth, 1948). Lang & Lang (2009) afirmam que a cultura de massa é quase ubíqua, na medida que o seu conteúdo é tão pervasivo que muito dificilmente é possível escapar à sua influência.

Aliado ao conceito de massa, surge o de massificação, que diz respeito ao conjunto de técnicas e sistemas de produção e de consumo que conduzem os indivíduos à conformação maciça com os padrões e com as práticas da sociedade industrial (McQuail, 2020). Este fenómeno traduz uma unificação dos indivíduos pela crescente partilha de características ou combinações de características. A massificação, como fenómeno cultural, tem vindo a ser analisada por diferentes autores ao longo dos tempos.

Dias (2001) reúne as diferentes perspetivas associadas a este conceito, no âmbito das teorias da comunicação, das quais destaco a visão de Étienne (1970), segundo a qual a massificação está associada à multiplicação indefinida dos objetos que constituem a cultura de massa e a sua difusão maciça na sociedade de massa (citado por Dias, 2001, p.43).

1.2.Sociedade de Massa

A frequência e a facilidade com as que as massas se formam é uma marca distinta da sociedade de massa (Lang & Lang, 2009). Esta sociedade pode ser definida como um agregado de pessoas cujas atitudes, sentimentos e opiniões exercem alguma forma de influência sobre as políticas adotadas pelos seus governos. Servindo-se da analogia proposta por Herbert Spencer, na qual o autor compara a organização social com aquela de um organismo biológico, Wirth (1948) procurou completar o imaginário proposto, conferindo as funções do sistema nervoso central e da mente ao consenso. Para o autor, este consenso caracteriza-se por um entendimento (parcial ou total) alcançado pelos membros da sociedade

de massa. O acordo alcançado não seria imposto por coerção ou fixado por costumes e resultaria da interpretação dos pontos de vista dos membros, tendo por base o consentimento mútuo, bem como, o sentimento e pensamento conjunto. O consenso impõe-se, então, pela comunicação eficiente entre os intervenientes. Para Guba e Lincoln (1994, citado por Fernandes, 2011), o consenso relativo sobre a interpretação das construções forma o conhecimento, passível de revisão aquando da introdução de novas construções no diálogo das massas.

Depreende-se, pelos argumentos anteriormente expostos, que a construção de uma base comum de conhecimentos deve-se, em parte, aos meios de comunicação de massa, que introduzem e perpetuam construções da realidade, promovendo (ou não) o consenso relativo sobre os mesmos.

1.3. Comunicação de Massa

A comunicação pode ser entendida como um elemento desencadeador e delimitador da interação social, fundamental para a integração dos indivíduos na organização social (Dias, 2001, p.33). Comunicar significa tornar comum a uma ou mais pessoas uma determinada informação, sendo necessário que o emissor saiba que a sua mensagem foi recebida, presumindo mecanismos de feedback. Tendo em conta o supracitado, poderá definir-se, deste modo, a comunicação de massa pela capacidade de disseminação de informação a um elevado número de pessoas/recetores, a uma massa, partindo de um só emissor (Dias, 2001, p.24)

Segundo Wrigth (1960), a comunicação de massa destina-se a audiências grandes e heterogéneas, anónimas para o comunicador (emissor). Através dos meios de comunicação de massa (*mass media*), as mensagens são transmitidas publicamente, cronometradas de modo a alcançar o maior número de membros da audiência em simultâneo, e apresentam, na maior parte dos casos, um carácter transitório (Wright, 1960). Ainda que, com o surgimento de novas formas de comunicação de massas, fundadas na Internet e nas redes sociais, se verifique uma mudança no panorama da comunicação, a comunicação de massa (tradicional) ainda comanda grandes audiências, embora através de diferentes plataformas (Perloff, 2014).

1.4. Comunicação de Massa e *Mass Media*

De um modo geral, quando as pessoas falam dos meios de comunicação social- *mass media* - têm em mente órgãos empresariais ou agências governamentais cujo acesso à tecnologia moderna lhes permite disseminar o mesmo conteúdo uniforme para uma vasta multidão, geograficamente dispersa (Lang & Lang, 2009). Podem ser definidos como um conjunto de organizações que utilizam diversos canais tecnológicos, de modo a distribuir diferentes mensagens, com o propósito de atrair uma audiência e condicioná-la a uma exposição repetida (Potter, 2011). Para Yamamoto (2011), são conceptualizados como uma instituição, ou subsistema, que serve o sistema social no seu todo. Teun van Dijk (1985, p.16) define os meios de comunicação de massa (imprensa, cinema, rádio, televisão) como modos de seleção, composição, gravação e partilha de histórias, símbolos e imagens. Para o autor, são produtos da tecnologia, organizações corporativas, produção em massa, e mercados de massa (van Dijk, 1985, p.16). Segundo Koceva & Mirascieva (2018), os meios de comunicação são utilizados para transmitir e receber informação, exercendo uma força poderosa e convincente, importante para o desenvolvimento do comportamento educativo e humano, da cultura e do estilo de vida. Transcendem quer no seu conteúdo, quer no modo de apresentação, os interesses e preocupações peculiares de grupos organizados e dirigem o seu apelo à massa (Wirth, 1948). Para Wirth (1948), a raça humana necessita dos meios de comunicação de modo a manter-se unida, rapidamente transformando-se no quadro principal da vida em rede social. Deste modo, e atendendo à importância que estes meios têm na vida social e na organização da sociedade, verifica-se que o controlo sobre estes meios constitui talvez a mais importante fonte de poder no universo social (Wirth, 1948).

Rodrigues (1984) define três níveis que caracterizam a relação entre os meios de comunicação de massa e a sociedade, relativamente à legitimação dos seus conteúdos. No primeiro nível, estes meios constituem uma instituição social autónoma, legitimada pela dominação discursiva assente numa hierarquia de valores. No segundo nível, os *mass media* são encarados como recetores da legitimidade de outras instituições sociais, sendo o discurso por eles veiculado, um reflexo de todas as formas de legitimidade da ordem social. Por fim, no terceiro nível, o campo dos meios de comunicação de massa, autónomo relativamente aos outros campos sociais, transforma-se num processo de produção de modelos e de imagens desligados da realidade. O autor, em relação a este último nível, afirma a impossibilidade de dissociar o papel dos *mass media* das características dos seus discursos.

No processo de construção destas imagens e modelos, os *mass media* servem-se de mecanismos de seleção, elaboração e filtragem das mensagens (Dias, 2001, p.61). A estes processos, a literatura denominou-os de efeitos dos meios de comunicação de massa - media effects.

1.5.Efeitos dos *Mass Media*

Ainda que exista uma conceptualização clara dos efeitos *per se*, carece, no domínio científico, de uma visão geral do fenómeno. Não obstante, a literatura aponta para um esforço de diversos investigadores no sentido de definir esta característica dos *media*. A partir dos elementos estruturais das várias definições apresentadas ao longo do tempo, Potter (2011) definiu os *mass media effects* como um conjunto de mudanças num *outcome* de um indivíduo ou entidade social, que se deve à exposição continuada de uma mensagem, ou série de mensagens, veiculadas pelos *mass media*. O *outcome* define o tipo de efeito dos meios de comunicação de massa, que se reflete nos comportamentos, atitudes, crenças e cognições.

De todos os efeitos identificados, destacam-se o *Gatekeeping*, *Agenda Setting* e *Framing*, pelo seu papel na seleção da informação e na construção das narrativas a difundir.

1.5.1.Gatekeeping

O conceito foi introduzido por Kurt Lewin, em 1947, para descrever o processo de filtragem informativa, ao nível da seleção das mensagens, da sua codificação, formação, difusão e programação, entre outros aspetos (citado por Wolf, 1987). No domínio da comunicação de massa pode ser visto como o processo global através do qual a realidade social transmitida pelos meios de comunicação é construída (Shoemaker et al., 2001). Neste sentido, este mecanismo figura uma importante componente na formação do discurso social, devido aos processos de seleção a ele associados.

1.5.2.Agenda Setting

O conceito de *agenda setting* é definido pela ideia de que os meios de comunicação de massa transmitem ao público os temas que em geral são considerados importantes (Dias, 2001, p.63). Esta função assume um papel fulcral na definição dos problemas da sociedade moderna, uma vez que o aumento da inquietação perante um determinado fenómeno é diretamente proporcional à ênfase dada ao mesmo pelos media (Gelders et al., 2009). A

escolha destes temas pode ser arbitrária, consequência do espaço finito que as plataformas de informação dispõem, ou pode resultar de uma estratégia delineada cujo objetivo não é, numa primeira instância, conhecido ou divulgado (Lancaster et al., 2010). Pode, também, ser reflexo do fascínio popular sobre determinados temas. A apresentação de determinados temas de forma mais proeminente que outros, dirige a atenção do público e afeta o discurso social (Ceron et al. 2016; McCombs and Ghanem 2001; Sei-Hill et al. 2002; citado por Reyes-Sousa et al., 2019).

Para Nelson Traquina (1995) o fenómeno de *agenda-setting* situa-se entre os jornalistas e o público, visto que, por um lado, são os jornalistas que definem os temas prioritários e, por outro, é o público que informa os jornalistas dos temas prioritários, pelo aumento de interesse sobre um determinado tema. Deste modo, se por um lado, os meios de comunicação social não podem informar o público sobre o que pensar, por outro lado são eficazes na definição de prioridades para os assuntos que devem ser considerados (Craig, 1981; Riffle, Lacy & Fico, 1998; Atkin & Dejong 2000; Durrant et al., 2003; Wolf, 2003; Wakefield et al., 2003; Traquina, 2005; citado por Mastroianni & Regina, 2008).

1.5.3.Framing

O *framing* (enquadramento) na comunicação de massa diz respeito à forma como os problemas são apresentados (Vlienghart, 2012). Compreende a seleção de um conjunto de aspetos pertencentes a uma realidade, com o intuito de os tornar salientes, de modo a promover uma interpretação e avaliação moral focada nos mesmos (Entman, 1993, citado em Lancaster et al., 2010), em detrimento de uma interpretação holística cuja avaliação moral pode diferir em grande medida. Gregor Bateson (1955, citado por Vlienghart, 2012) defende que a comunicação só ganha sentido no seu contexto e pela forma como a mensagem transmitida é enquadrada.

Gitlin (1980 citado por Orsini, 2017) define *frames* como princípios de seleção, ênfase e apresentação dos factos baseados em teorias implícitas referentes à realidade, aos acontecimentos, e ao que é de interesse relatar. Os enquadramentos, segundo o autor, ainda que tacitamente expressos, organizam o mundo, quer para os jornalistas (que os reportam), quer para o público (que confia nessas descrições). A forma como um determinado tópico é enquadrado influencia a extensão da atenção direcionada pelo público para o assunto, a interpretação e discussão do tema, as perceções do risco e as atitudes em relação ao

fenómeno. Além disso, o enquadramento afeta, negativa ou positivamente, o comportamento individual, interpessoal e coletivo relativamente ao problema (Gelders et al., 2009).

1.6. Controlo Social e Pânico Moral

A análise dos efeitos dos meios de comunicação de massa coloca a descoberto a influência que estas instâncias exercem: na perceção pública sobre qualquer fenómeno; nas atitudes em relação ao mesmo; e na fomentação de sentimentos (positivos ou negativos) que pesam na avaliação moral. A atomização dos sujeitos devido à sociedade industrial, criou um apetite insaciável pelo desvio, tornando-os suscetíveis a maquinações e controlo dos meios de comunicação (e de quem os controla) (Bauer & Bauer, 1960).

No domínio do comportamento desviante, mais concretamente na área do consumo de substâncias, a análise do discurso dos meios de comunicação de massa ilumina um mecanismo de controlo social negligenciado pela sociedade moderna (Schattenberg, 1981). Segundo Dias (2001, p.88), se a informação constrói a realidade social e o conhecimento (na sua generalidade) e por consequência constitui um universo simbólico que ordena e orienta o mundo e a vida dos indivíduos, pode consequentemente considerar-se que o controlo da informação corresponde a uma forma de controlo social. O controlo social, em termos fundamentais, pode ser definido como a capacidade de uma sociedade de se autorregular de acordo com um conjunto de princípios e valores (Janowitz, 1975). Envolve a habilidade dos subsistemas sociais de orientarem os seus comportamentos em torno dos valores morais e objetivos coletivos reconhecidos como vitais para a sociedade no seu todo (ibidem).

Segundo Donohue, Tichenor e Olien (1973), todas as formas de comunicação têm uma função de controlo social inerente (latente ou visivelmente manifestada), sendo que a análise deste controlo deve incidir no modo como é exercido e quais as suas consequências para o sistema social global. Os meios de comunicação de massa comunicam um sistema de mensagens que mantêm e reforçam os valores e normas fundamentais de um sistema (Alexander, 1981; Breed, 1958; De Fleur & Ball-Rokeach, 1982; McQuail, 1987; Viswanath & Demers, 1999; citado por Yamamoto, 2011). Estas mensagens, através dos mecanismos de manipulação da realidade supramencionados, definem os problemas sociais num determinado contexto histórico-cultural. Para Champagne (1993, citado por Fernandes, 2014), os problemas sociais não têm uma existência visível senão quando abordados pelos *mass media*.

Neste sentido, através dos meios de comunicação de massa, determinados fenómenos são descritos como problemáticos, mesmo não existindo uma vertente problemática ou patológica que lhes seja inerente (Hubbard et al., 1975). Não advêm de condições objetivas, mas sim das afirmações/construções subjetivas (Zajdow, 2008). Stan Cohen (1972, citado por Zajdow, 2008) nomeou este processo de Pânico Moral (*Moral Panic*), no qual uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas, passa a ser concebido como uma ameaça. É, portanto, uma reação coletiva excessiva a uma ameaça aos valores e interesses de uma comunidade, considerada desproporcional, quando analisados os dados disponíveis (Cohen, 2002, citado por Bennett, 2017).

1.7. Discurso dos *Mass Media*

A comunicação de massa, de modo a abranger vastas audiências, procura ativamente reduzir o seu conteúdo ao menor denominador comum, traduzindo uma mensagem que se acredita que interessará o maior número de pessoas possível (Wirth, 1948). Esta ideia é partilhada por inúmeros autores. Rodrigues (1984) denuncia os mecanismos de simplificação dos meios de comunicação, marcados pela redução de elementos que possam constituir uma dificuldade na sua compreensão. Esta simplificação conduz à homogeneização cultural e à construção de uma realidade abstrata, alienada da realidade concreta (Rodrigues 1984).

Paquete de Oliveira (1988, citado por Dias, 2001, p.76) rotula a comunicação de massa como estereotipada, atribuindo-lhe inúmeras características. Para o autor, este tipo de comunicação é caracterizado por mensagens produzidas maciçamente, com difusão acelerada, dirigidas a um vasto público, heterógeno e disperso (ibidem). Recorre a técnicas estereotipadas e sofisticadas e está dependente de uma organização e ordem industrial, cujo objetivo primário é a produção e reprodução cultural da ordem que a originou (ibidem).

É na interação destes aspetos (entre outros) que a realidade social, como construção, surge, na medida que é a partir dos discursos dos *mass media*, que o conhecimento sobre a realidade é construído. Para Dias (2001, p. 91), “a construção social da realidade e o conhecimento apresentam-se na confluência da informação proveniente da comunicação de massa e dos sistemas de conhecimento coletivo que se situam nos sistemas social e cultural”. Não deve ser descurada, na leitura da compreensão do mundo e da realidade social, a interpretação individual da informação que constitui o património coletivo.

Ainda que o mundo da comunicação de massa se estenda por outros domínios, a viagem até aqui feita servirá de base para a análise da problemática em estudo: A forma como as drogas são representadas na imprensa em Portugal. Esta problemática configura em si, várias fases de estudo e avaliação que, pela sua extensão e dimensão, não serão analisadas neste documento. Desta feita, procurar-se-á, analisar o compreender a forma como a realidade das drogas é veiculada pelos discursos mediáticos, visto que esta estará intimamente ligada à realidade do fenómeno percebida pelos sujeitos que compõem as massas. Tendo em conta o exposto anteriormente, depreende-se que um conhecimento dos discursos sobre as drogas é um passo para a compreensão da realidade social (construída) das drogas.

2.Drogas

2.1.Drogas, uso/consumo

A compreensão do processo de construção da realidade social das drogas implica a compreensão dos modos como estas foram empregues nas sociedades humanas ao longo da evolução. De facto, verifica-se que a droga é transversal à trajetória do processo histórico-cultural dos povos desde os tempos mais remotos e o seu uso encontra-se profundamente enraizado na cultura dos povos (Poiares, 1999).

Hipócrates e Galeno, pais da medicina científica definiram droga como “uma substância que, em vez de “ser vencida” pelo corpo (e assimilada como simples nutriente), é capaz de “vencê-lo”, provocando - em doses insignificativamente pequenas, quando comparadas com outros alimentos - grandes alterações orgânicas, anímicas ou de ambos os tipos” (Escohotado, 2004, p.9). A Organização Mundial de Saúde (OMS) define droga, no campo médico, como qualquer substância com potencial para prevenir, curar doenças ou melhorar o bem-estar físico ou mental de um sujeito (World Health Organization, 2010). O termo pode também referir-se, no campo farmacológico, a qualquer agente químico que altere os processos bioquímicos fisiológicos dos tecidos ou organismos (ibidem). No uso comum, o termo refere-se, frequentemente, a drogas psicoativas (uma substância que, quando ingerida, afeta os processos mentais) mais especificamente, a drogas ilícitas (substâncias psicoativas, cuja produção, venda ou utilização é proibida) (ibidem). Atualmente, o termo droga é utilizado, pejorativamente, para designar determinadas substâncias psicoativas utilizadas ilicitamente pelos seus efeitos (Sequeira, 2003). A

polarização das drogas em drogas lícitas (inofensivas) e drogas ilícitas (nocivas para o indivíduo e para a Saúde Pública) assenta em mecanismos de regulação social normativa (Dias, 2011, p.127).

A multiplicidade de definições de droga (das quais só alguns exemplos foram expostos neste documento), reiteram a noção de que “droga” não quer dizer sempre a mesma coisa” (Fernandes, 1990), sendo assim necessário atender ao contexto onde o termo surge e à grelha de leitura a partir da qual se define o termo. A verdade do fenómeno das drogas não é mais que um conhecimento construído num “ir e vir” entre experiências e linguagens dos atores das drogas e dos especialistas do fenómeno (Fernandes, 2011).

Para o objetivo desta dissertação, importa analisar o termo droga à luz da construção social do fenómeno. Neste âmbito, Comas (1984, citado por Fernandes 1990, p.11) afirma que droga “é só aquilo a que se chama droga. Enquanto uma substância não for denominada como droga não é droga, e inclusive uma substância pode ser, em certas ocasiões e circunstâncias, droga e noutras não”. Deste modo, depreende-se que o conceito de droga descreve todas as substâncias que, de entre um conjunto de substâncias farmacologicamente definidas como drogas, são eleitas, consensualmente, e definidas como tal através de uma formação histórico-social (Fernandes, 1989). A representação social é a característica tóxica da droga, visto que, reduzida às suas características químicas, cada droga não é mais do que o seu sentido etimológico primário: uma coisa seca (Sequeira, 2003). Segundo Dias (2001, p.127), a construção social do entendimento da droga determina as consequências do seu uso e as formas como os diferentes atores sociais se relacionam, quer quanto à sua prescrição, quer quanto à sua proscricção.

Cada tempo tem as suas drogas (Poiares, 1999) e é com estas substâncias que os indivíduos, inseridos num contexto socio-histórico, podem desenvolver uma relação e uma identidade que inclua a componente de “drogado” (Fernandes, 1990). A relação entre uma substância (droga) e um indivíduo materializa-se no seu consumo/uso. Para Agra et al. (1993), tanto os fatores individuais, como os fatores sociais/culturais exercem algum poder sobre a relação entre o consumidor e a substância consumida. Esta relação é também influenciada pelas características e efeitos dos produtos psicotrópicos, bem como, as práticas dispensadas no seu consumo, enquadradas nos sistemas culturais e na construção social desta realidade (Dias, 2001, p.128).

O uso de substâncias psicoativas acompanha a evolução da humanidade, ocorrendo em diferentes contextos e servindo diferentes propósitos. Escotado (2004) tece o percurso do consumo das substâncias psicoativas ao longo da evolução da humanidade, identificando os diferentes propósitos e papéis desempenhados pelas drogas, desde a mais remota aplicação até à sociedade do consumo.

Segundo Sequeira (2003), os usos de droga sofrem uma hierarquização no seio dos diversos discursos originados nas instituições sociais. Assim, segundo o autor, surgem as seguintes categorias: uso, hábito (habituação), uso indevido, abuso, vício, dependência, adição e toxicomania (ibidem).

De acordo com a OMS, o uso/consumo de uma substância psicoativa diz respeito à sua autoadministração por parte de um indivíduo (World Health Organization, 2010). Para Fernandes (1997, citado por Fonte, 2006), é muito mais que um mero encontro de um indivíduo com a substância, daí que, um consumo de uma droga presta diferentes usos, que não se restringem aos efeitos químicos que a substância exerce sobre o sistema orgânico do consumidor (Fonte, 2006). O SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências) distingue diferentes tipos de usos de substâncias psicoativas. O uso experimental; o uso social, ocasional ou recreativo; o uso de medicação não prescrita; e o uso problemático.

2.2. Discurso mediático acerca das drogas

A cobertura jornalística de temas associados às drogas pelos meios de comunicação social representa uma importante fonte de percepção pública do fenómeno (Belackova, Stastna & Miovský, 2011). Por norma, ao falar-se de drogas e respetivos consumos, ocorrem a imagem do toxicodependente degradado que se arrasta visível e solitário pelas ruas das nossas cidades ou dos nossos bairros (Fernandes e Carvalho, 2003, citado por Fernandes, 2011). Segundo Dias (2001, p.113), as pesquisas empíricas realizadas em diversos países demonstram que, na imprensa em geral, e na imprensa escrita em particular, há uma propensão para a influência direcionada às audiências. No que diz respeito às substâncias psicoativas, a influência decorre de processos de modificação da representação do fenómeno que podem englobar o uso de estereótipos, a simplificação do enredo e a exacerbação de porções da história (sensacionalismo).

De acordo com Manning (2006), a cobertura jornalística é caracterizada pela sobre-representação de padrões de uso indevido em detrimento de histórias com contornos menos “problemáticos”. Delgado (2011), afirma que a mediatização deturpada dos fenómenos gera reações nos grupos-alvo dessa mediatização e serve uma função social primária de criação e manutenção de imaginários sociais hegemónicos, estimulando uma reação social baseada nos valores partilhados por uma determinada população, comunidade e/ou sociedade. Dias (2001, p.158) apresenta alguns dos fenómenos associados ao tratamento da informação sobre as drogas por parte da imprensa escrita, nomeadamente, distorção da informação; visões diferentes dos fenómenos tendo em conta a regionalidade dos jornais; direcionamento da imprensa na escolha de assuntos de maior sensacionalismo; assunção da imprensa como agente de controlo social; coincidência da informação com políticas nacionais sobre a droga; criação de realidades que influenciam a opinião pública; discriminação dos consumidores de substâncias; influência da imprensa na redução do consumo; relação causal circular entre a influência da imprensa, opinião pública e poder político; entre outros.

Tendo em conta a influência dos meios de comunicação de massa na construção social da realidade, no que diz respeito às drogas importa analisar os mecanismos de sobre-representação e deturpação das realidades com o intuito de compreender a sua influência na perceção coletiva das substâncias psicoativas e dos fenómenos que a elas se associam.

2.2.1. Estereotipia

Para Martin Xiberras (1997, citado por Dias, 2001, p.129), os efeitos das drogas, conhecidos ou procurados, conduzem os indivíduos a definir o efeito-estereotipado da droga. As reportagens dos *media* sobre drogas são, maioritariamente, influenciadas pelos estereótipos direcionados aos diferentes atores sociais e as suposições dos jornalistas (Manning, 2006). A promulgação de noções estereotipadas acerca da utilização de substâncias psicoativas e a marginalização de outras, mais inclusivas e menos “fantasiosas”, tem persistido no enquadramento mediático das drogas, subjugando uma compreensão mais profunda (Orsini, 2017). Segundo Fernandes (2011), a construção de um estereótipo implica um certo nível de distorção informativa, visto que opera através de filtragens, exacerbações e “coisificações”. Para o autor, as imagens estereotipadas apresentam um duplo efeito: imobilizador, na medida que aprisionam um fenómeno à sua caricatura; e mobilizador, na medida que polarizam as opiniões e atitudes, oferecendo um pretexto e conteúdo para determinadas proliferações discursivas e práticas institucionais (ibidem).

Cohen (1973, citado por Schattenberg, 1981) argumentou que os *news media* tendem a construir imagens tipificadas dos indivíduos e do seu comportamento. Desta forma, os *media* dispõem de um inventário de características que podem ser aplicadas a um determinado comportamento, a fim de fazer julgamentos em relação aos rótulos ou estereótipos construídos (ibidem). O resultado é a criação de “demónios populares” (“folk devils”), representados por uma variedade de estereótipos capazes de provocar respostas de pânico entre os cidadãos (ibidem). Este efeito perverso dos meios de comunicação de massa transforma a guerra às drogas numa guerra aos consumidores acaba por condicionar o conhecimento sobre o próprio problema da droga e da toxicod dependência (Lewis, 1992). Este processo é definido por Reasons (1976) como a “mitologia do toxicod dependente” que representa o corpo de informação distorcida e conceitos estereotipados referentes às drogas.

2.2.2.Sensacionalismo

A seleção e tratamento da informação ora depende, ora faz depender, de determinadas instituições, num processo circular de interdependência, levando umas vezes ao sensacionalismo e outras à banalização (Felele, 1993). Segundo Breed (1958), a decisão dos *media*, ao negligenciar determinados aspetos da realidade, tem como consequência o reforço da estabilidade e equilíbrio da sociedade (enquanto sistema). A apresentação de casos de desviância pelos meios de comunicação de massas resulta num aumento do desagrado da população perante a situação desviante (Yamamoto, 2011) que, sendo uma ameaça aos valores comuns, devem ser erradicados. Por conseguinte, verifica-se um aumento da solidariedade social e da coesão social em torno da (re)validação dos valores e ideologias comumente partilhados numa sociedade moderna. Deste modo, os *media* detêm um potencial de regulação de uma comunidade, através da transmissão de um conjunto de mensagens que promovem a estrutura social (Yamamoto, 2011).

Surge, assim, o sensacionalismo, uma estratégia de comunicação eficaz, na medida que eleva o potencial de entretenimento de um acontecimento, ampliando os índices de venda com a criação de um amplo mercado de massas (Rodrigues, 2017). O jornalismo sensacionalista pode implicar o uso de artifícios inaceitáveis (em termos éticos) (Amaral, 2003). O sensacionalismo influencia a seleção, hierarquização, síntese, tradução e transformação de eventos do quotidiano em notícias (Góes, 2013). Segundo Barros (2003), esta estratégia transgride com os ideais da neutralidade da imprensa, pois explora e manipula as sensações do leitor de forma intensa e deliberada, conduzindo a uma ausência de reflexão

crítica sobre os fenómenos descritos nas narrativas dos media. A natureza das notícias, orientada para o entretenimento, molda o estilo, o formato, o conteúdo e a linguagem da apresentação dos fenómenos. A esta formatação se alia o facto de a entrevista jornalística ter abandonado os fundamentos da busca de informação como objetivo privilegiado (Altheide, 2004). Conclui-se que os media procuram divulgar histórias sensacionais, tornando confusa a distinção entre o jornalismo informativo e o entretenimento. Surge uma nova área, o infotainment (Johansson, 2007 citado por Rodrigues, 2017), onde o dramatismo dos acontecimentos é utilizado para atingir uma audiência mais ampla, deste modo, o uso de uma matriz dramática no jornalismo representa um movimento duplo que articula as exigências da sociedade e as dinâmicas culturais às lógicas do mercado e do sucesso comercial (Martín-Barbero, 1997 citado por Amaral, 2007).

2.2.3.Simplificação

Os *mass media* contribuem para uma contextualização desadequada da realidade dos fenómenos relacionados com drogas, podendo apresentar relatos incompletos e deturpados (Orsini, 2017), numa ideologia a que Goode (1999) designou de “demóniologia” (*demonology*) - traduz-se num esforço em demonstrar que o uso de drogas é intrinsecamente mau, devido à sua natureza inevitavelmente perigosa e danosa (citado de Orsini, 2017). O fenómeno das drogas é, na sua maioria, retratado como um problema onde os intervenientes se encontram divididos em 2 tipos de personagens: “as vítimas” e os “vilões” (Lancaster et al., 2010). As várias investigações sobre as representações sociais e sobre as imagens mediáticas da “droga”, do “drogado”, do “toxicodependente”, mostram o carácter simplista, redutor e ambíguo dos elementos que dão vida a essas figuras (Fernandes, 2011).

Metodologia

1.Objeto e objetivo

A linha de pensamento até aqui exposta procurou sustentar a razão teórica que encapsula a presente dissertação. Esta procurará analisar a forma como as drogas (e os seus fenómenos) são representadas nos meios de comunicação de massa, particularmente na imprensa escrita. O objetivo do estudo prende-se com a exploração de notícias cujo foco ou tema principal resida nos fenómenos associados às drogas (consumo, adição,

toxicodependência, dissuasão, tráfico, ação policial, apreensão, *drug policies*, panorama nacional, entre outros) - objeto de estudo - de modo a compreender o modo como estas notícias são estruturadas e dão vida à realidade social da droga no território nacional. O estudo da cobertura mediática das questões relativas às drogas representa um passo importante na compreensão das perceções sobre as drogas e os seus usos, bem como das preocupações do público relativamente a estas substâncias e às políticas a elas associadas (Forsyth, 2001b; Körner & Trevor, 2004; Szmigin et al., 2008; citado por Belackova et al., 2011).

1.1. Questões de Investigação

Dado o objetivo anteriormente expresso, a presente dissertação procura dar resposta às seguintes questões de investigação, que orienta o estudo, nomeadamente: (a) quais são os fenómenos da droga reportados pela imprensa escrita digital?; (b) quais os atores/o envolvidos nestes fenómenos reportados pela imprensa escrita digital?; (c) que enquadramentos podem ser identificados na imprensa escrita digital?

2. Enquadramento metodológico

Tendo em conta os contornos da temática em estudo e de modo a conduzir a investigação prevista na presente dissertação, adotou-se uma metodologia qualitativa, através da análise documental. Importa salientar alguns aspetos referentes a este conjunto de métodos de recolha e análise de dados, por forma a compreender a sua adequação ao presente estudo.

Claude (2004) afirma que os métodos de análise qualitativa procuram dar sentido a dados relevantes, recolhidos de diversas fontes. O principal objetivo destes métodos é descrever e possivelmente explicar os eventos e experiências em análise, questionando os processos subjacentes aos fenómenos (Wiling, 2013). Morse e Field (1995, citado por Ribeiro, 2000) definem esta metodologia como resultado de um conjunto de métodos de pesquisa indutivos, holísticos, subjetivos e orientados para o processo, utilizados de modo a compreender, descrever, interpretar e desenvolver teorias relativas aos fenómenos ou *settings*. Mianyo (1994, citado por Ribeiro, 2000) define, por sua vez, os métodos qualitativos como aqueles capazes de incorporar a questão dos significados e da intencionalidade como fatores inerentes às ações, às relações, e às estruturas sociais, sendo

estas últimas consideradas quer no advento, quer na transformação, como construções humanas significativas.

Segundo Wiling (2013), de um modo geral, os investigadores que adotam metodologias qualitativas procuram gerar um de três tipos de conhecimentos: conhecimento realista; conhecimento fenomenológico; e conhecimento socialmente construído (construcionismo social). Para os efeitos desta dissertação, o conhecimento que se propõe construir, insere-se nesta última categoria.

O construcionismo social afirma que a experiência humana é mediada histórica, cultural e linguisticamente (Wiling, 2013). Deste modo, o que as pessoas percebem e experimentam não é um reflexo direto das condições ambientais, mas sim uma leitura específica das mesmas, capaz de produzir “conhecimentos” distintos e igualmente verdadeiros, visto que o mesmo fenómeno ou acontecimento pode ser descrito de diferentes formas, dando origem a diferentes formas de o perceber e compreender, sendo que nenhuma delas é necessariamente errada ou mais verdadeira que as restantes (ibidem). A realidade é socialmente definida, e refere-se à experiência subjetiva da vida quotidiana - como o mundo é compreendido - e não para a realidade objetiva do mundo natural (Berger & Luckmann, 1991; Hammersley, 1992; citado por Andrews, 2012).

Neste processo, a linguagem desempenha um papel essencial (Wiling, 2013). Segundo Burr (1995, citado por Andrews, 2012), dentro do construcionismo social, a linguagem não é um meio neutro (não problemático) de transmitir pensamentos e sentimentos, mas é, de facto, o que torna o pensamento possível através da construção de conceitos. Por outras palavras, é a linguagem que torna o pensamento e os conceitos possíveis e não o contrário, proporcionando um meio de estruturar a forma como o mundo é vivido (ibidem).

A investigação de uma perspetiva social construcionista preocupa-se em identificar as várias formas de construir a realidade social que estão disponíveis numa cultura, em explorar as condições da sua utilização e em traçar as suas implicações para a experiência humana e a prática social (Wiling, 2013). Atendendo à literatura analisada e ao propósito da presente dissertação, compreende-se que o seu posicionamento se coaduna com o construcionismo social, na medida que o estudo procurará compreender o modo como as drogas (e os seus fenómenos) são construídas e configuram a realidade social.

3.Recolha de dados

Segundo Patton (2005), a investigação qualitativa envolve três tipos de recolha de dados: as entrevistas em profundidade e abertas; as observações diretas; e os documentos escritos. Tendo em conta o objeto em estudo, a recolha de dados focar-se-á na obtenção de documentos escritos, nomeadamente notícias relacionadas com as drogas. No que diz respeito à análise de documentos, esta inclui o estudo de excertos, citações ou passagens integrais a partir de registos organizacionais, clínicos ou de programas; memorandos e correspondência; publicações oficiais e relatórios; diários pessoais; e respostas a questionários e inquéritos (Patton, 2005). Foram analisados documentos naturais, produzidos espontaneamente na realidade social (Bardin, 2011).

Atendendo ao número considerável de publicações no âmbito da imprensa escrita, torna-se necessário desenvolver uma lista de critérios de modo a restringir as publicações passíveis de análise, limitando a amostra ao conjunto de notícias consideradas pertinentes e úteis para a elaboração da dissertação. A lista de critérios incorpora componentes relacionadas com o tema, bem como, o diário onde foram redigidas e publicadas. Além disso, procurou-se restringir o período temporal relativo à sua publicação, com o intuito de obter a informação mais recente sobre o tema, com o objetivo de descrever e compreender a realidade contemporânea das drogas na imprensa escrita.

A eclosão da pandemia do novo coronavírus (declarada pela Organização Mundial de Saúde a 11 de março de 2020), e a conseqüente emergência de saúde pública, conduziram ao desenvolvimento de diferentes medidas restritivas com o propósito de reduzir o risco de contágio e transmissão do vírus. Entre estas medidas destacam-se o dever de recolher obrigatório e a interdição/restricção da circulação entre concelhos, que dificultaram a obtenção de exemplares físicos dos artigos jornalísticos publicados no período destacado para o estudo. Deste modo, e dados os obstáculos identificados, as notícias foram recolhidas com recurso às bases de dados disponíveis *online*, referentes aos jornais (diários ou semanários), com maior expressão em Portugal.

Posto isto, a investigação procurou analisar notícias escritas e publicadas no ano de 2020, de modo a compreender a realidade social contemporânea das drogas no território nacional. As peças jornalísticas foram retiradas dos jornais com maior presença *online*. Segundo o PÚBLICO (2020), os jornais mais lidos (até à redação da notícia, a 9 de abril de

2020) foram o PÚBLICO, seguido pelo Correio da Manhã e pelo Jornal de Notícias. Ainda que se admita a possibilidade de os dados aqui apresentados diferirem da atualidade, não há nenhum estudo estatístico, de livre acesso, que possa fornecer uma informação melhor, mais atual e cuja veracidade possa ser afirmada. Assim sendo, e tendo em conta os dados acessíveis previamente expressos, figuraram-se fontes de informação para a presente dissertação o PÚBLICO, o Correio da Manhã e o Jornal de Notícias.

As notícias foram, então, recolhidas através dos motores de buscas destes jornais, onde foi pesquisado o termo: “Droga”. Este termo foi selecionado pela sua capacidade de convocar estereótipos relacionados com o fenómeno, quer no que diz respeito à substância ilícita em si, quer no que diz respeito aos atores e locais associados ao termo. Assim, os esforços desta pesquisa pretendiam “fotografar” a realidade social do fenómeno, na atualidade, identificando os contornos da mesma.

Importa salientar que se optou por este método de pesquisa de modo a albergar todos os tipos de notícias escritos sobre o tema, evitando subscrever as peças jornalísticas a subcategorias pré-definidas pelos próprios jornais. Esta metodologia de recolha de dados enquadra-se na estrutura de uma revisão sistemática da literatura, oferecendo um racional claro para a seleção da amostra.

Através da pesquisa do termo “droga” nos motores de busca dos jornais selecionados, recolheram-se, ao todo, 1 241 notícias. Após uma análise preliminar dos títulos das peças jornalísticas, excluíram-se todos os artigos que não faziam referência direta a drogas ou a fenómenos a elas associadas, obtendo-se um total de 747 peças jornalísticas.

O total provisório foi revisto, na íntegra, de modo a eliminar todas as peças jornalísticas que não descreviam eventos relacionados com substâncias psicoativas, eventos ocorridos fora do território nacional, entrevistas e artigos de opinião sobre a temática. Esta escolha baseou-se na necessidade de privilegiar os jornalistas como construtores da realidade (ao invés de peritos ou figuras associadas aos fenómenos), resultado da reportagem de eventos. Além disso, foram, de igual modo, excluídos todos os artigos cuja temática fosse tangente à das drogas, ou seja, todas as peças jornalísticas que apenas mencionavam os fenómenos associados às substâncias psicoativas como fatores relacionados com a história principal. Desta seleção, obteve-se uma amostra final de 535 notícias. O processo descrito

encontra-se resumido num fluxograma (figura 1, anexo A), de modo a facilitar a compreensão.

Atendendo que as notícias que compreendem a amostra foram recolhidas de fontes públicas, não foi necessário o consentimento informado, bem como o parecer da Comissão de Ética. Foram extraídas das plataformas digitais dos diferentes diários com recurso ao NVivo, um software de análise de dados qualitativos, através da extensão Ncapture.

4. Análise

4.1. Análise Categrial Temática

Após recolha dos dados procedeu-se à análise dos mesmos. Recorreu-se à análise de conteúdo, definida por Bardin (2011) como um conjunto de técnicas destinadas à análise das comunicações. Berelson (citado por Bardin, 2011) define esta análise como uma técnica de investigação que tem por finalidade a interpretação das comunicações, recorrendo a uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do seu conteúdo manifesto. O objetivo da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos (dedução lógica) relativos às condições de produção e de receção, com recurso a indicadores (Bardin, 2011). Deste modo, foi conduzida uma análise categrial temática, segundo a qual, a totalidade do texto é classificada em categorias que seguem critérios rigorosos, de modo a fornecer sentido ao material analisado, de acordo com o que se espera/procura encontrar (ibidem). A condução de uma análise temática tem por objetivo descobrir os “núcleos de sentido”, que dão forma à comunicação e cuja presença (ou ausência) e frequência de aparição podem assumir um determinado significado para o objetivo da análise (ibidem).

No que concerne às categorias de análise, estas foram desenvolvidas, tendo em conta o que se esperava encontrar nas peças jornalísticas, de acordo com método dedutivo e indutivo. As variáveis e codificações propostas por Orsini (2017), informaram sobre possíveis categorias a utilizar aquando da análise das peças jornalísticas. Além destas, foram adicionadas categorias tendo em conta a leitura preliminar dos artigos, nomeadamente as categorias “Local da ação” e “Antecedentes Criminais”. Este sistema de categorias preliminar foi utilizado na pré-análise, como mais tarde será mencionado, sofrendo algumas alterações até ser finalizado.

Definido o *corpus* de análise, importa clarificar as unidades de registo e contextos utilizadas. Relativamente à unidade de registo, sendo esta uma análise categorial temática, selecionou-se o(s) tema(s) como critério, a partir do qual se criou o sistema de categorias supracitado. Admitiu-se o texto integral como a unidade máxima onde seria possível encontrar as categorias definidas (sendo, portanto, a unidade de contexto).

O sistema de categorias foi então testado numa porção do material recolhido para análise (10% do total de peças, que corresponde a 62 notícias escolhidas aleatoriamente). Como anteriormente fora mencionado, este sistema sofreu algumas alterações tendo em conta a sua adequação ao material em estudo. Deste modo, foram eliminadas/substituídas categorias de forma a acomodar outras, mais adequadas, informadas pelos dados da pré-análise. O sistema de categorias final encontra-se disposto na tabela 1 (ver anexo B).

De modo a conferir maior solidez, o material foi também analisado por um segundo investigador, cujas categorias criadas não diferiam das propostas. Importa esclarecer que se optou por realizar, quer a pré-análise, quer a análise com recurso à ferramenta NVivo.

Verificou-se, aquando da recolha, que algum material não foi reconhecido pelo programa, pelo que foi excluído da amostra (n= 8). Além disso, foram eliminados artigos idênticos, repetidos nas diferentes fontes. Estes foram sinalizados e excluídos da análise comparativa entre diários (n= 2).

Após a análise dos documentos e contabilização das categorias (através de tabelas de frequências), procurou-se definir os possíveis enquadramentos presentes através do agrupamento de categorias, segundo a sua frequência de coocorrência (presença simultânea das unidades de registo). A associação entre categorias é fundada na ideia de que os elementos associados numa manifestação da linguagem (no caso da presente dissertação, as notícias) estão associados no espírito do locutor (jornalista ou editor) e/ou do destinatário (leitor) (Bardin, 2011). Para tal, recorreu-se à *cluster analysis*, ferramenta do programa NVivo. Esta ferramenta agrupa as categorias por semelhanças de codificação na totalidade dos documentos analisados. Este método, *clustering*, organiza uma grande quantidade de documentos de texto não ordenados num pequeno número de agrupamentos significativos e coerentes, fornecendo assim uma base para mecanismos exploração e navegação intuitiva e informativa (Huang, 2008).

A comparação é feita com recurso, *by default* do programa NVivo, ao coeficiente de Jaccard. Segundo Huang (2008), este coeficiente compara a soma do peso dos termos partilhados com a soma do peso dos termos que estão presentes, mas não são os termos partilhados. Os valores de semelhança (*similarity*) variam entre 0 e 1, sendo 0 quando os termos não se cruzam (sendo, portanto, distintos) e 1 quando os dois termos são iguais (*ibidem*).

Apresentação e Discussão de Resultados

Relativamente ao número de notícias analisadas, a amostra final contou com 43 notícias retiradas do PÚBLICO, 68 notícias retiradas do Jornal de Notícias e 414 notícias retiradas do Correio da Manhã. Esta diferença de valores é fundada no facto de, para o mesmo período temporal, o Correio da Manhã produzir mais peças jornalísticas associadas à temática das drogas que os restantes diários tidos para a análise. O volume acrescido de notícias por parte do Correio da Manhã deve-se, em parte, à repetição de notícias, muitas vezes sem um aumento ou alteração significativa do conteúdo das mesmas, ou à continua reportagem de eventos associados entre si (numa lógica de atualização dos leitores sobre o progresso de um fenómeno reportado).

“Mãe e filha apanhadas a gerir 'mercado de droga' em zona histórica de Lisboa” (CM)

“Mãe e filha controlavam tráfico de droga em zona histórica de Lisboa” (CM)

“Mulher detida por tentar introduzir droga na cadeia de Coimbra” (CM)

“Esconde droga nas cuecas para dar ao filho que está na cadeia” (CM)

“Homem detido no aeroporto de Lisboa por tráfico de droga desde o Brasil” (CM)

“Homem detido no Aeroporto de Lisboa trazia cocaína do Brasil” (CM)

Segundo Postman, o consumo diário de notícias rápidas e superficiais tem um efeito dessensibilizador, produzindo, no leitor, uma falsa sensação de estar bem informado, ainda que não lhe seja dada a oportunidade de analisar, compreender e assimilar a informação recebida (1986, citado por Molek-Kozakowska, 2013). Neste sentido, o exercício da repetição tem como finalidade fundar, na perceção dos leitores, uma realidade social marcada pelo excesso dos fenómenos reportados, suscitando, porventura, a adoção de

medidas que irradiem a problemática em questão ou a aceitação passiva da realidade em evidência.

Este último fenómeno, denominado de disfunção narcotizante (*narcotising dysfunction*) dos meios de comunicação social assenta na ideia de que os *media* produzem uma apatia geral nos leitores, que demonstram alguma preocupação superficial relativamente às narrativas reportadas, mas que não se traduz em ação (Lazarfed & Merton, 1948). Neste sentido, os leitores são, paradoxalmente, colocados sobre um efeito narcotizante que reduz a participação ativa ao conhecimento deficitário passivo (ibidem).

No que concerne aos dados encontrados por meio da análise supracitada, importa salientar, primeiramente, a aparente neutralidade na formulação dos artigos jornalísticos. Esta aparente neutralidade expressa-se pela ausência de formulações de carácter pejorativo (e.g. adjetivação com conotação negativa, utilização de termos estereotipados relativamente aos atores do fenómeno da Droga, entre outros) na descrição das narrativas veiculadas pelos artigos em análise. Importa salientar que esta aparente neutralidade, embora sugira um esforço no sentido de negar as narrativas discriminatórias, não implica a ausência de juízos de valor sobre o fenómeno da Droga e os seus atores (Hughes et al., 2011).

No caso da presente análise, ainda que se tenha verificado esta neutralidade aparente na grande maioria do material apresentado, foi possível identificar, em alguns artigos, o uso de termos descaracterizadores dos intervenientes para a descrição dos fenómenos. A título ilustrativo, de seguida encontram-se alguns exemplos de títulos que empregam uma linguagem descaracterizadora.

*“Traficantes **caçados** com 20 mil euros em Lisboa”* (CM)

*“Três **caçados** com armas e cocaína em Faro”* (CM)

*“Operação ‘Barba Ruiva’ **caça** 13 traficantes”* (CM)

*“PSP de Loures **caça** traficante cadastrado”* (CM)

Estes termos, comumente utilizados na descrição da perseguição de animais com o intuito da sua captura ou morte, conferem aos intervenientes alvo desta ação, características animais, de modo perverso, perpetuando, no leitor, a adoção de uma postura combativa em relação aos mesmos. Neste sentido, o imaginário proposto pela linguagem escolhida despoja os traficantes das suas características humanas, dando espaço para a aceitação, por

consequente, de perseguições desprovidas das mesmas características. Este fenómeno ancora-se na conceção de representação social proposta por Moscovici, segundo a qual as interpretações que os sujeitos fazem da realidade dão forma às suas ações e comportamentos direcionados para essa mesma realidade (Castro, 2002).

Estas representações em torno dos atores do fenómeno da Droga estão envoltas em estereotipia que ensombra a compreensão das mesmas enquanto pessoas dotadas de direitos, vontades e necessidades. No caso particular dos traficantes, o estereótipo do traficante de droga violento e insensível, comumente identificado nas narrativas dos *media*, simplifica em demasia as realidades quotidianas das pessoas que compram, usam e vendem drogas (Coomber, 2018). O uso da estereotipia na descrição dos fenómenos da droga compreende um ciclo perpetuado pelos *mass media* que produz e eterniza a indignação moral para com os mesmos (Machado, 2000).

Em relação aos fenómenos da droga identificados nos artigos que compõem a amostra do estudo, os dados encontram-se dispostos na tabela 2 (ver anexo C). As frequências representadas dizem respeito ao número de peças jornalísticas que expressam os temas analisados (ao invés do número de referências a cada tema, na totalidade do *corpus* de análise). As percentagens, por sua vez, demonstram o peso relativo de cada tema por diário.

Como é possível observar, das temáticas identificadas, a mais frequente na totalidade das notícias foi a do Tráfico (410 notícias), seguida do tema Detenção (407), do tema Apreensão (381), do tema Ação judicial (276), do tema Combate ao tráfico (205), do tema Consumo (39), do tema Sociedade (36), do tema Intervenção (14) e do tema Ação política (14). O tema Combate ao consumo foi o menos frequente, sendo identificado em apenas 4 peças jornalísticas.

De modo a proceder a uma análise comparativa entre os três diários selecionados, procurou-se identificar o peso relativo de cada temática, calculado tendo em conta o número total de artigos por diário. Neste sentido, verifica-se que, em todos os diários, a temática do Tráfico é a que apresenta uma maior expressão, sendo identificada em 60,47% das notícias no PÚBLICO, em 77,94% das notícias no Jornal de Notícias e em 99,03% das notícias do Correio da Manhã. Do mesmo modo, observa-se que a temática Combate ao Consumo é que apresenta uma menor expressão, em todos os diários, sendo identificada em 2,33% das

notícias no PÚBLICO, em 1,47% das notícias do Jornal de Notícias e em 0,97% das notícias do Correio da Manhã.

No que concerne às restantes temáticas, verifica-se uma heterogeneidade da expressão das mesmas nos diários analisados. Importa salientar a representação de temáticas como a Intervenção, Sociedade ou Ação política, cuja expressão no diário PÚBLICO, destaca-se dos restantes.

Relativamente ao tema Tráfico, as referências identificadas reportavam eventos relacionados com a produção e preparação para a venda ao consumidor, transporte e acondicionamento das substâncias, bem como, a compra e venda das mesmas. Ao todo, foram codificadas 975 referências ao tema, das quais foram extraídos alguns exemplos, de seguida apresentados.

“(…) apesar de a pureza da substância continuar a subir, os preços mantêm-se estáveis «porque há muita cocaína disponível no mercado, devido ao aumento da produção na América do Sul para níveis inéditos, principalmente na Colômbia»” (PÚBLICO)

“(…) adquiriam haxixe em elevadas quantidades no sul de Espanha e transportavam-no em automóveis para a zona metropolitana do Porto, onde era efetuada a sua venda a terceiros ” (PÚBLICO)

“ (...) a droga «era entregue em casas, moradias de férias ou em hotéis na região, contando também com o apoio de diversos funcionários, exploradores e proprietários de estabelecimentos de diversão noturna que, mediante comissão nas vendas, entregavam a droga aos seus clientes»” (PÚBLICO)

“Para que escapassem a uma eventual fiscalização das autoridades, a droga foi colocada na parte oca da estrutura que, em seguida, era tapada com painéis próprios das banheiras. A técnica é utilizada frequentemente pelos traficantes e foi assim que a droga iniciou uma viagem desde Espanha e percorreu, por estrada, milhares de quilómetros até chegar a um centro logístico de Lisboa” (JN)

“(…) existiam funções definidas para cada elemento, sendo que um deles adquiria, outro guardava, preparava e dividia os lucros, e outro revendia o produto estupefaciente aos consumidores, obtendo assim vantagens patrimoniais para todos os elementos que compunham esta rede criminosa” (JN)

“Os traficantes alugavam dois carros para fazer as deslocações a Sevilha, duas vezes por semana. O esquema durava há vários meses e terá rendido milhares de euros” (CM)

“A imaginação é o limite e de facto as organizações criminosas estão constantemente a alterar o seu ‘modus operandi’ em termos de transporte e dissimulação de droga” (CM)

“ (...) nas operações de tráfico de cocaína e de canábis, a via marítima continua a ser a preferencial para o transporte de grandes quantidades de estupefaciente” (CM)

Em relação ao tema Detenção, foram identificadas 873 referências que descrevem a detenção de intervenientes em situação de incumprimento ou flagrante delito.

“(...) uma investigação que durou quase dois anos, levando à detenção de 19 pessoas por tráfico de estupefacientes e associação criminosa” (PÚBLICO)

“O Núcleo de Investigação Criminal da GNR [Guarda Nacional Republicana] de Peso da Régua, deteve, terça-feira, seis homens e uma mulher, com idades entre os 20 e 45 anos, por tráfico de droga no distrito de Vila Real” (JN)

“(...) o suspeito foi detido no sábado por militares do Posto Territorial de Sines, no decorrer de uma ação de policiamento” (JN)

“(...) foi detida esta quinta-feira junto à fronteira do Caia, em Elvas, distrito de Portalegre, na posse de 5.080 doses de cocaína” (CM)

No concerne o tema Apreensão, na totalidade da amostra analisada identificaram-se 673 referências ao tema, que descreviam a apreensão, quer de substâncias psicoativas e material associado ao tráfico das mesmas, quer de bens considerados de valor, adquiridos com os recursos obtidos do tráfico.

“GNR apreende cerca de 23 mil pés de «cannabis», a «maior» apreensão em Portugal e «uma das maiores da Europa»” (PÚBLICO)

“(...) apreensão de estupefacientes em quantidades significativas para este tipo de redes, mais relacionada com venda em barros sociais da cidade [do Porto], várias armas de fogo, quantidade relevante de dinheiro e viaturas relacionadas com o lucro de estupefacientes” (PÚBLICO)

“Nesta operação foram apreendidas 33.914 doses individuais de haxixe e 590 de cocaína, além de 2,61 gramas de liamba. Fazem ainda parte da lista das apreensões 4,06 gramas de uma outra substância psicoativa, 20 caixas de substâncias anabolizantes, cerca de 34.000 euros em dinheiro, quatro viaturas ligeiras de alta cilindrada, duas motorizadas, um quadriciclo, 10 armas proibidas, «entre outros objetos relacionados e utilizados para a prática deste tipo de crimes»” (JN)

“(...) foram apreendidas 3,8 gramas de cocaína e um grama de heroína, além de 390 euros em dinheiro, uma balança digital, dois telemóveis e dois blocos de apontamentos” (CM)

“Foram apreendidas 385 plantas de canábis, em diversos estados de maturação e algumas com mais de dois metros e meio de altura (...). Foram ainda apreendidas 214 doses de canábis, 614 metros de tubo de rega, um telemóvel e diverso material para cultivo das plantas proibidas” (CM)

Relativamente ao tema Ação Judicial, identificaram-se 467 referências a atos de cariz judicial, tais como, interrogatórios sob uma autoridade judicial, aplicação de medidas de coação, acusações por parte de uma autoridade judicial competente, entre outras.

“MP [Ministério Público] acusa 13 arguidos, incluindo agente da PSP de Gondomar, de tráfico de droga” (PÚBLICO)

“Os detidos foram presentes às autoridades judiciais competentes, para primeiro interrogatório, tendo-lhes sido aplicada a medida de coação de prisão preventiva” (PÚBLICO)

“A prisão preventiva foi a decisão do tribunal judicial de Mirandela, esta tarde de segunda-feira, onde ambos foram presentes ao primeiro interrogatório” (JN)

“Foi levado ao juiz que decretou apresentações trissemanais e, na prática, reduziu as medidas de coação a que já estava sujeito” (JN)

“Um dos detidos foi libertado, depois de ter sido constituído arguido e os restantes quatro foram ouvidos esta quinta-feira no Tribunal de Faro. Ficaram em prisão preventiva” (CM)

“Dois dos suspeitos ficam em prisão preventiva, três em prisão domiciliária com pulseira eletrónica e os restantes dez sob apresentações periódicas junto da esquadra policial” (CM)

No que diz respeito ao tema do Combate ao tráfico, foram identificadas 358 referências a operações de combate ao tráfico de droga que caracterizavam o esforço das forças de autoridade na diminuição do tráfico nos seus territórios de atuação e no desmantelamento de redes de tráfico organizadas.

“Treze pessoas foram detidas esta terça-feira durante a operação policial Barba Ruiva, de combate ao tráfico de drogas em Espinho, distrito de Aveiro, segundo um balanço provisório feito pela PSP. «Estamos a falar do combate ao tráfico que grassava em Espinho e alvo de muitas reclamações»” (PÚBLICO)

“Doze pessoas foram detidas numa operação da PSP [Polícia de Segurança Pública] contra o tráfico de droga que envolveu 24 buscas domiciliárias nos concelhos de Lisboa, Amadora, Sintra e Almada” (PÚBLICO)

“O Núcleo de Investigação Criminal da GNR de Barcelos desenvolveu, esta terça- feira, uma operação de combate ao tráfico de droga em vários locais de Famalicão, Barcelos e Trofa. As buscas começaram ainda madrugada e levaram os militares ao acampamento de Meães, em Famalicão” (JN)

“Esta operação teve como objetivo fazer cessar a atividade de tráfico de droga que apresentava maior expressão na cidade da Guarda, neste momento. (...) o tráfico de droga tem "uma expressão pequena" naquela cidade e, pelo número de detidos, a operação terá permitido "desmantelar toda a rede" que atuava localmente” (CM)

“(...) a operação decorreu na sequência de uma investigação que tem vindo a ser desenvolvida há cerca de três anos, tendo em 2019 resultado no desmantelamento de uma rede que se dedicava ao tráfico de haxixe, heroína e cocaína, nos concelhos de Lisboa, Loures, Amadora, Sintra e Montijo” (CM)

Relativamente à temática do Consumo, identificaram-se 110 referências ao uso de substâncias psicoativas no total da amostra em análise.

“Ele assume-o sem receios nem meias palavras. «Consumia muitas drogas e... a minha vida acabou. Ninguém quer saber de mim»” (PÚBLICO)

“(...) afirmou ainda que naquela altura "consumia muito", reconhecendo que estava "totalmente descontrolada” (CM)

Ainda relativamente ao Consumo, observou-se a reportagem de relatórios quer sobre a evolução do consumo na sociedade, quer sobre o impacto da pandemia do novo coronavírus nas práticas de consumo.

“Muitas vezes os consumidores não sabem o que estão a consumir, o que aumenta as hipóteses de overdose” (PÚBLICO)

“A crise pandémica fez baixar os consumos de drogas ilícitas normalmente usadas em contextos recreativos, como o ecstasy e a cocaína, mas levou a um «aparente aumento do consumo de outras substâncias, como a cannabis e as novas benzodiazepinas»” (PÚBLICO)

“No global, os consumos de substâncias nocivas de tem baixado ligeiramente, mas continuam em patamares preocupantes” (JN)

“A agência de drogas da Organização das Nações Unidas (ONU) manifestou esta quinta-feira o crescente uso de substâncias psicoativas entre jovens em todo o mundo e a mistura de vários estupefacientes com o álcool” (CM)

No que concerne ao tema Sociedade, foi possível identificar 77 referências que descrevem o papel/efeito das drogas e dos atores sociais a elas associados na sociedade atual.

“O tráfico e consumo de estupefacientes tem muitas implicações no tecido social e surge muitas vezes associado a situações socialmente críticas de vária ordem que devem ser identificadas e acompanhadas atempadamente” (PÚBLICO)

“(...) reforço do sentimento de segurança dos cidadãos que residem, nas freguesias de Alcântara e Campo de Ourique, em Lisboa, "que diariamente são

confrontados com venda de drogas nas ruas por onde circulam", informou a polícia, destacando a repressão das práticas criminais, em particular o tráfico de estupefacientes como «o fenómeno mais visível e perturbador da tranquilidade e paz pública locais» (CM)

"(...) esta situação causava alarme social pela presença de toxicodependentes na zona das escolas" (CM)

Em relação ao tema Intervenção, identificaram-se 61 referências a intervenções de cariz sócio-sanitário destinadas a Pessoas que Usam Substâncias Psicoativas (PUSP), bem como ações de sensibilização sobre a temática.

"Isto é mais do que um programa de metadona. Estar aqui não é só estar compensado na metadona, é também entrar nos serviços de saúde novamente, porque aqui rastreamos as principais doenças infecciosas e asseguramos as medicações para o VIH [Vírus da Imunodeficiência Humana], para a tuberculose, que as pessoas tomam aqui diariamente" (PÚBLICO)

"(...) ultimam-se os pormenores do serviço que será prestado aos toxicodependentes que, nestas "salas de chuto", como são vulgarmente conhecidas, podem consumir de forma segura e com higiene" (PÚBLICO)

"Os objetivos da campanha, passam por prevenir, dissuadir, reduzir e minimizar os problemas relacionados com o consumo de substâncias psicoativas, e com os comportamentos aditivos e as dependências na população do arquipélago" (PÚBLICO)

"É necessário a dignificação da intervenção em redução de riscos e minimização de danos, alterando a lógica de projeto para uma resposta e serviço consistente no tempo e com financiamento adequado às reais necessidades (...) assim como promover a distribuição gratuita de material para o consumo fumado e complementar o kit troca de seringas" (JN)

No que diz respeito à temática da Ação política, foram identificadas 37 referências à alteração do enquadramento legal relativo às drogas e aos seus fenómenos, bem como às intervenções planeadas.

"O executivo independente atribui o cenário a três fatores fundamentais: a «falta de efetivos e meios por parte das entidades policiais (PSP)», a «desadequada legislação que permite consumos na via pública sem qualquer possibilidade de atuação por parte dos agentes» e ainda a «escassez de meios que a Segurança Social possui para fazer face a situações de emergência» (PÚBLICO)

"A Câmara do Porto continua a aguardar o agendamento da reunião com a tutela, prevista para o início do mês, para discutir a criação de uma sala de consumo protegido, cujo apoio do Governo o município quer ver esclarecido" (PÚBLICO)

"«As políticas de drogas devem focar-se na redução de danos, em vez de alimentar o estigma associado à criminalização do uso de drogas», defendeu Fernando Medina" (CM)

"O presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, insistiu esta segunda-feira na necessidade de fazer alterações legislativas "urgentes" que permitam fortalecer os poderes das forças de segurança no combate ao consumo e ao tráfico de droga na via pública" (CM)

Por fim, no que concerne o tema Combate ao consumo, identificaram-se 8 referências ao combate ao consumo, nomeadamente o planeamento de estratégias que mitiguem o consumo a céu aberto ou em zonas que causam desagrado à restante população.

"A Câmara do Porto está a estudar a possibilidade de transferência para o domínio PÚBLICO de um terreno das Águas do Porto, na zona do Fluvial, impondo um horário de acesso aos moradores que utilizam um caminho naquele local e assim travar consumo de droga" (JN)

Como é possível observar, os dados apresentados indicam uma preferência na reportagem da ação policial perante fenómenos da droga, com especial ênfase no tráfico. De um modo geral, admitindo o papel dos media na disseminação de novas informações sobre diversas temáticas, depreende-se dos dados que o conhecimento público dos fenómenos da droga resume-se, de grosso modo, à criminalidade associada ao tráfico e à ação policial de combate ao mesmo, visto que outras temáticas de cariz social (e.g. Intervenção; Ação política) são pouco reportadas, ocupando um menor espaço no discurso social sobre as drogas.

Os dados reportados replicam-se em análises realizadas por outros autores no mesmo domínio. Noto et al. (2006), através da análise comparativa entre revistas e jornais (*newspapers*) evidenciaram que estes últimos, na grande maioria das peças jornalísticas construídas em torno do fenómeno da Droga, reportavam eventos relacionados com o tráfico e repressão do mesmo. Orsini (2017) enfatiza estes achados, denunciando a reportagem sucessiva de fenómenos da droga marcados por detenções, rusgas e apreensões – tidos como representativos do avanço no combate e mitigação do tráfico de droga – bem como, eventos relacionados com o desmantelamento de redes de tráfico ou com a disrupção do tráfico – tidos como vitórias na “Guerra contra as drogas”. Este tipo de formulações foi também evidenciado na análise das notícias que compõem a amostra.

*"«Com esta detenção, estamos convictos de que foi dado um **duro golpe ao tráfico** de estupefacientes na Figueira da Foz, uma vez que o suspeito é*

considerado um dos maiores fornecedores de drogas na cidade», frisa a PSP ” (CM)

*“«Com esta ação, o Comando da PSP de Braga acredita ter dado **um sério golpe no tráfico de droga** na cidade de Braga com origem naquela zona, bem como contribuído para **aumentar o sentimento de segurança** da mesma e artérias adjacentes, que têm sido alvo de uma preocupação e trabalho constante por parte desta polícia», destaca a PSP de Braga” (CM)*

Postula-se que o foco excessivo na criminalidade dos fenómenos da droga esteja relacionado com a necessidade de criar conteúdos recentes, intensos e abrangentes, capazes de atrair o maior número de leitores possível (Molek-Kozakowska, 2013). Segundo Fernandes e Manita (1998) a crescente mediatização da delinquência e das atividades criminais em torno dos fenómenos da droga conduz a crenças, erróneas, de que o crime está a aumentar e com ele a insegurança. Neste sentido, o foco excessivo na vertente criminal da venda e utilização de substâncias psicoativas gera uma falsa sensação de que o “problema” narrado é verdadeiramente um flagelo que necessita de uma reformulação das ações para ele orientadas por forma a mitigá-lo. As crenças centradas na repressão da criminalidade dos fenómenos da droga, comuns às narrativas veiculadas pelos *media*, ainda que salientem a adoção de políticas de índole opressora como prioridade, atestam, paradoxalmente, à sua ineficácia na mitigação dos fenómenos da droga (Noto et al., 2006).

De facto, a reportagem excessivamente sensacionalista, focada na criminalidade, justifica, no discurso popular, as respostas “musculadas” perante os fenómenos da droga e movimenta a ação social para o apoio de políticas pré-estabelecidas (Schack, 2011), ainda que estas possam não ser as mais adequadas. Esta condição que assiste ao fenómeno da droga foi caracterizada por Agra (1991) como “Terror Intervencionista”, que se desenvolve segundo a lógica de que “tudo é bom” se tiver como fim a redução do flagelo social em exibição no discurso mediático (citado por Machado, 2000). Aliado a este conceito, surge o Humanitarismo, frequentemente justificativo do conformismo perante políticas pré-estabelecidas ou do apelo a medidas focadas na intervenção repressiva no que concerne aos fenómenos da droga. O Humanitarismo, segundo Young (1971) forma-se da racionalização do conflito e indignação moral e apela a um mecanismo de justiça social que pune, automaticamente quem é desviante (citado por Machado, 2000)

Sob a alçada destes conceitos, postula-se que a aceitação generalizada de um combate às drogas musculado e repressivo possa envolver, de certo modo, crenças pouco adaptativas relativas à moralidade e à justiça. Neste sentido, salienta-se a crença no mundo

justo (*just world belief/delusion*) definida por Lerner (1980) como uma necessidade intrínseca de acreditar que o mundo é justo, onde as pessoas, dependendo dos seus comportamentos e atributos, “recebem o que merecem” (citado por Davis, 2009). Assim, os elementos desviantes, tais como as PUSP ou traficantes, pela sua não normatividade, merecem o (des)tratamento a que estão, muitas vezes, sujeitos.

Relativamente aos atores envolvidos nos fenómenos reportados, as frequências encontram-se dispostas na tabela 3 (ver anexo D). O valor reporta o número de notícias onde foi possível identificar os atores sociais reportados.

Como se observa, as figuras mais reportadas nas notícias analisadas são membros das Forças de autoridades, seguidas de alegados Traficantes, membros do Sistema/Autoridade Judicial, Pessoas que Usam Substâncias Psicoativas, Órgãos de monitorização, Especialistas ou Profissionais de Redução de Riscos e Minimização de Danos (RRMD), Figuras públicas, Instituições estatais, Residentes de locais psicotrópicos, Vítimas e por fim, outros atores.

Relativamente às Figuras de autoridade, identificaram-se 1475 referências a membros e subdivisões (como Unidades de Investigação Criminal, Unidades de Combate ao Tráfico, Unidades de Controlo Costeiro, Brigadas de Trânsito, entre outros) da Polícia de Segurança Pública (PSP), Guarda Nacional Republicana (GNR), Polícia Judiciária (PJ), Marinha, Força Aérea, bem como da Autoridade Tributária e Aduaneira. Estas figuras, além das mais referidas, são, também, as fontes privilegiadas para a reportagem dos eventos, sendo, muitas vezes citados elementos de relevo, associadas a estas unidades.

“De acordo com fonte da PSP (...)” (PÚBLICO)

“(...) refere a nota da PJ”(PÚBLICO)

“Segundo a GNR de Viseu (...)” (JN)

“O Comando Territorial da GNR da Guarda refere em comunicado enviado à agência Lusa (...)” (JN)

“(...) explicou Norberto Martins, diretor da PJ do Norte” (CM)

“De acordo com o diretor da Unidade Nacional de Combate ao Tráfico de Estupefacientes, Artur Vaz” (CM)

“(...) o comandante do Destacamento de Controlo Costeiro de Olhão da GNR, Nuno Marinho, referiu (...)” (CM)

No que concerne aos Traficantes, foram identificadas 716 referências a suspeitos do crime de tráfico de substâncias psicoativas. Estas referências, como anteriormente referido, foram, na sua maioria, desprovidas de estereotípias ou termos pejorativos, cingindo-se, na grande parte dos casos, a referências diretas, tais como “*traficantes de droga*”, “*produtores de droga*”, “*suspeitos de integrarem uma rede de tráfico internacional*”, “*suspeitos reincidentes de tráfico de droga*”, entre outros. Nas notícias analisadas denota-se o recurso à idade, ao género e tipo de ocupação como elementos descritores destes atores (e.g. “(...) *cinco homens e uma mulher, entre os 21 e 50 anos*”; “(...) *cidadão russo, de 63 anos, e dois portugueses - um homem de 55 anos e uma mulher de 47*”; “(...) *um engenheiro britânico, de 71 anos*”).

Em relação ao Sistema/Autoridade Judicial, identificaram-se 322 referências a elementos do sistema judicial como advogados, juizes, tribunais, procuradorias ou outras autoridades como o Ministério Público ou Departamentos de Investigação e Ação Penal.

Relativamente às Pessoas que Usam Substâncias Psicoativas, foram identificadas 109 referências. À semelhança dos Traficantes, as descrições encontram-se desprovidas de elementos discriminatórios, ainda que um pouco datadas (e.g. “*toxicodependente*”, “*consumidores*”; “*utilizadores de drogas*”, “*população utilizadora de drogas*”; “*consumidores de substâncias ilegais*”; “*peessoas que usam drogas*”).

No que diz respeito aos Órgãos de Monitorização, foi possível identificar 20 referências a entidades cujo trabalho é desenvolvido em torno da monitorização dos fenómenos da droga, nomeadamente Comissões para a Dissuasão da Toxicoddependência, o Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD), o Observatório Europeu da Droga e da Toxicoddependência (OEDT/EMCCDA), e o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC).

Em relação aos Especialistas e Profissionais de RRMD, identificaram-se 45 referências a associações que desenvolvem trabalhos de diferentes ordens com as PUSP, investigadores na área das drogas, profissionais de *outreach*, entre outros elementos. (e.g. “*equipa da Norte Vida*”, “*equipa de rua do Centro Comunitário de Esmoriz*”, “*Rui Coimbra, da direcção da CASO (Consumidores Associados Sobrevivem Organizados)*”, “*Solange Ascensão, coordenadora da equipa de rua Girusetúbal*”, “*João Goulão, director nacional do SICAD*”; “*equipas da Médicos do Mundo e do GAT – Grupo de Activistas em*

Tratamentos”, “*Ana Magalhães, investigadora no grupo Addiction Biology*”, “*Associação Ares do Pinhal*”, entre outros).

No que concerne às Figuras Públicas, foram identificadas 33 referências a elementos influentes da vida social, com especial ênfase em personalidades com cargos políticos de relevo (e.g. Rui Moreira, Fernando Medina, Marta Temido, Marcelo Rebelo de Sousa, “vereador do CDS-PP João Gonçalves Pereira”, “presidente da Junta de Freguesia do Lumiar, Pedro Delgado Alves”, “deputada Bebiana Cunha”, entre outros) ou partidos políticos (e.g. Partido Animais e Natureza (PAN), Juventude Social-Democrata (JSD), Partido Social Democrata (PSD)).

Relativamente às Instituições estatais, identificaram-se 29 referências a instituições de governação administrativa do país (e.g. Segurança Social, Câmara de Lisboa, Câmara do Porto, Ministério da Saúde, Secretária Regional de Saúde e Proteção Civil da Madeira, Câmara Municipal de Lisboa, Junta de Freguesia do Lumiar, entre outras).

No que diz respeito aos Residentes em locais psicotrópicos, identificaram-se 13 referências nas notícias analisadas. Estas figuras são descritas em contextos/circunstâncias caracterizadas pelo sentimento de insegurança e revolta face ao consumo e ao tráfico de substâncias psicoativas. Por fim, foi possível identificar 9 referências a vítimas indiretas dos fenómenos da droga (e.g. “*um menino de três anos que chorava muito e mostrava estar negligenciado*”, “*duas vítimas, de 80 e 90 anos*”). Importa referir que além destes atores, identificaram-se duas referências a outros atores, normalmente pouco associados ao fenómeno da Droga, nomeadamente os “*encarregados de educação da Escola Secundária de Pombal*” e a “*presidente da Associação de Pais de Pombal*”.

Os dados reportados reforçam o foco primordial nas forças de autoridade anteriormente denotado. De facto, o número de referências a elementos das diferentes forças de autoridade é muito superior ao número de referências a qualquer outro interveniente nas notícias que compõem a amostra em análise. Segundo Killough (2007), os jornalistas, de um modo geral, recorrem às forças de autoridade na reportagem de eventos em torno das drogas, perpetuando o discurso que as encapsula (e por conseguinte os intervenientes e os fenómenos a elas associados) como uma ameaça à sociedade.

Este dado – forças autoridades como atores mais proeminentes e frequentemente citados numa grande porção do material analisado - é consistente com a investigações

anteriores, onde se observou que estes elementos fornecem a maior parte da informação, marginalizando-se fontes alternativas (Orsini, 2017). A construção das peças jornalísticas em torno destas fontes, solidifica o papel das forças de autoridade enquanto referência máxima no que diz respeito às drogas no discurso social. Deste modo, os media desenvolvem uma narrativa que potencia a assunção das forças de autoridade como os intervenientes aos quais os leitores se devem moldar, fomentando a adoção de uma postura pró intervenção musculada, mascarando outras vertentes interventivas (Hughes et al., 2011).

Assim, os dados demonstram uma sub-representação de atores fulcrais no âmbito das drogas, nomeadamente as PUSP, os profissionais de RRMD, especialistas nos domínios associados ao fenómeno da Droga, entre outras figuras de relevo, quer em termos sociais, quer em termos políticos. Segundo Dillon (1998), os *media* raramente recorrem a profissionais na área da Redução de Riscos como fontes privilegiadas na reportagem de eventos relacionados com as drogas. A ausência destas figuras e da partilha da sua vida e experiências, por parte dos meios de comunicação social, não só empobrece o discurso social das drogas, como também o reduz à visão penal veiculada pelas forças de autoridade. De facto, os profissionais de RRMD reconhecem, na sua área de intervenção, as barreiras edificadas pela representação errada (*misrepresentation*) dos fenómenos da droga por partes dos meios de comunicação social (Dillon, 1998).

Importa atentar às substâncias ilícitas referidas na amostra analisada. Na tabela 4 (ver anexo E), encontram-se as frequências das referências a droga nos três diários escolhidos para a análise.

Como é possível observar, a Cocaína é a droga mais reportada nos três diários, sendo identificada em 241 peças jornalísticas (4 destas referências dizem respeito a “Crack”). O Haxixe é segunda droga mais reportada (213 peças jornalísticas), seguida pela Heroína ou outros opióides (213 referências, das quais 3 correspondem ao Fentanil), Canábis (177), Liamba (66), Ecstasy/MDMA (47), Anfetaminas (20), LSD (9), e Khat (6). As restantes drogas – Benzodiazepinas, *Bloom*, Bolota e Cogumelos alucinogénicos – foram identificadas em apenas uma peça jornalística.

Importa compreender o modo como estes dados refletem a realidade nacional no que concerne à expressão de cada substância psicoativa. De acordo com o mais recente relatório anual da Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências, em 2019, a Canábis,

a Cocaína e o Ecstasy foram as substâncias ilícitas com prevalências de consumo mais elevadas em Portugal, sendo que os valores referentes à Canábis são, em muito, superiores aos das restantes. Esta substância é percecionada como tendo uma acessibilidade muito elevada, que se reflete nas prevalências de consumo na população portuguesa (SICAD, 2020). Segundo com o relatório anual de Combate ao Tráfico de Estupefacientes em Portugal (2020), para o ano de 2020 foram registadas 2,236 apreensões de produtos estupefaciente, sendo que, de entre estas a Canábis surge como o produto mais apreendido. Parece, então, existir uma disparidade marcada entre a substância mais reportada e a substância mais utilizada no território nacional.

Ronzani et al. (2009), na análise desenvolvida em torno dos meios de comunicação social e das drogas, denotam que a Cocaína, ao contrário da Canábis, é mais frequentemente associada ao Tráfico e ao Poder Paralelo (categoria criada pelos autores para identificar o modo de funcionamento e descrição do poder de organizações criminosas ligadas ao tráfico), ainda que ambas sejam comercializadas no mesmo contexto.

Ainda que a Canábis (nas suas múltiplas formas) pareça ser a substância mais utilizada no território nacional, não é a mais reportada na totalidade dos artigos analisados. Tal facto poderá advir das conceções datadas relacionadas com a caracterização da Cocaína como uma droga “pesada”, de consumos “duros” e dos cocaínod dependentes como sujeitos alçapremados pelo flagelo do seu consumo. De facto, as representações negativas e estereotipadas dos consumidores de droga como forasteiros criminosos e uma ameaça à sociedade são comuns no discurso mediático incidindo, principalmente nos consumidores de heroína e de cocaína (Taylor, 2008).

Importa ressaltar o debate público em torno da canábis, no sentido da sua legalização, pelo que a disparidade dos resultados poderá indicar uma tentativa de conter a narrativa em torno desta substância, de modo a favorecê-la no discurso social.

Por fim, no que concerne à *cluster analysis*, a figura 2 (ver anexo F) apresenta conjuntos de temáticas de acordo com a sua coocorrência nos ficheiros analisados. Neste sentido, os itens semelhantes são agrupados no mesmo ramo do diagrama, distinguindo dos itens agrupados nos restantes ramos. Estes agrupamentos – *clusters* – dão forma aos enquadramentos utilizados na formulação das peças jornalísticas. O programa NVivo recorre ao processo denominado de *complete-linkage clustering*, a partir do qual os elementos são

colocados em conjuntos individuais, sendo compilados, sequencialmente, em conjuntos cada vez maiores, até todos os elementos acabarem num só conjunto (Manning et al., 2008). O programa produz, por defeito, 10 *clusters*.

Como é possível observar na figura 2 (ver anexo F), as temáticas agrupam-se em 10 *clusters* dos quais se destacam 2 *clusters* de maior dimensão (identificados com os números 9 e 8). Estes denotam enquadramentos distintos relativamente ao fenómeno da Droga reportados. O primeiro compreende as categorias Heroína e outros opioides, PUSP, Canábis, Ação Judicial, Sistema-Autoridade Judicial, Haxixe, Combate ao tráfico, Cocaína, Apreensão, Tráfico, Traficantes, Detenção e Forças de autoridade. O segundo, por sua vez, engloba as categorias Órgãos de monitorização, Sociedade, Consumo, Especialistas e profissionais de RRMD, Residentes em locais psicotrópicos, Ação política, Intervenção, Figuras públicas e Instituições estatais.

No que concerne o primeiro *cluster*, as categorias identificadas constroem um enquadramento típico quando se trata de fenómenos da droga, comumente definido segundo a tipologia de “guerra às drogas”. Este tipo de enquadramento traduz uma realidade marcada por modelos criminais/penais, que evidencia, de forma clara, a postura do “nós” – sociedade dominante – versus “eles” – elementos da desviância. Neste sentido o “nós” emprega mecanismos de coesão social que reafirmam a norma por repressão da desviância. O “eles” figura um grupo ameaçador que deve ser mitigado por meio de forças autoridade, orientadas por uma justiça, em parte popular, fruto de moralismos relativos à utilização de substâncias psicoativas.

Este primeiro *cluster* assemelha-se ao enquadramento proposto por Orsini (2017), denominado “*Ongoing fight*”, identificado empiricamente, que demonstra uma cobertura extensa de eventos relacionados com detenções, rusgas e apreensões onde as forças de autoridade desempenhavam um papel central (atores mais importantes) e as suas atividades eram descritas favoravelmente. Neste *frame* a figura do traficante é tida como responsável pela invasão das drogas no espaço social, pelo que se apelava a respostas/estratégias de combate repressivas e musculadas (ibidem).

Relativamente ao segundo enquadramento, as temáticas agrupadas parecem centrar-se num *frame* orientado para a conceção do fenómeno da Droga numa lógica de Redução de Riscos e Minimização de Danos. De facto, este *cluster* contrasta com o anterior,

aglomerando temáticas de cariz socio-sanitário e/ou político. Neste sentido, a narrativa veiculada pelos artigos contemplados por este enquadramento é focada, aparentemente, na ação que contempla a intervenção comunitária direta (por meio dos profissionais de RRMD) ou indireta/global (por meio da ação dos órgãos de monitorização, ou de figuras políticas no desenho de políticas sobre as drogas). Ainda que as narrativas enquadradas neste domínio não tenham sido as mais prevalentes (observável ao longo da presente dissertação), a presença deste *cluster* indica uma tentativa na mudança do paradigma em torno das drogas.

Conclusão

1. Notas finais

A condução da investigação revelou uma crescente necessidade do estudo do discurso mediático sobre as drogas, por forma a dotá-lo de narrativas mais humanizantes dos acerca dos atores do fenómeno da Droga, muitas vezes marginalizados. Além disso, a análise das peças jornalísticas permitiu compreender o caminho por percorrer no que concerne à aproximação das estruturas mediáticas aos profissionais e especialistas de Redução de Riscos e Minimização de Danos. De facto, muito pouco se tem estudado sobre o impacto do discurso mediático na atividade destes profissionais, pelo que se defende (e os resultados desta dissertação assim o justificam), um movimento contínuo no sentido de compreender de que modo os profissionais de RRMD se podem servir dos mecanismos dos *media* para aprimorar a sua atividade e moldar a normatividade (veiculada pelo discurso popular) no sentido de albergar elementos da desviância.

Assim, postula-se que os meios de comunicação, nas suas múltiplas formas de transmissão de conteúdo (imprensa escrita, audiovisual, digital, entre outras), poderão ser a ferramenta fulcral no sentido de alterar as narrativas opressoras e repressoras dos elementos da desviância, dando também espaço para que sejam estes mesmos elementos a defini-las, num esforço colaborativo de irromper com a visão estigmatizante e estereotipada que define o percurso de vida dos atores dos fenómenos da droga vilanizados.

2. Limitações do estudo

A consciência crítica relativamente ao trabalho produzido, afasta-o da abstração, no sentido que confere a quem o produz e, mais tarde, a quem o analisa, uma fundação sólida

sobre as potencialidades dos dados apresentados, e dos estudos complementares que podem ser desenvolvidos, sem nunca desvirtuar o carácter mutável dos mesmos. Neste sentido, nesta fase final da dissertação, importa compreender, de forma crítica, as limitações do estudo produzido, acautelando o leitor sobre os resultados apresentados, negando, assim, o carácter absoluto dos mesmos.

Em primeira instância, salienta-se a subjetividade nos critérios de exclusão. Embora se tenha procurado incluir peças jornalísticas que se encontrassem em conformidade com os critérios estipulados, segundo um exercício objetivo, admite-se a possibilidade deste exercício poder diferir de investigador para investigador. Ainda assim, por meio dos quadros metodológicos criados para conferir a maior objetividade possível, acredita-se que estas diferenças não alterariam significativamente os resultados apresentados.

Importa, também, atender à subjetividade na codificação das porções de texto. Ainda que se tenha procurado operacionalizar o exercício de categorização objetivamente (com recurso a um segundo investigador que analisou parte do material na pré-análise, de modo a aferir as categorias indutivas identificáveis), parece importante denotar a subjetividade na identificação das unidades de registo e respetiva categorização.

Outra limitação prende-se com o facto do estudo conduzido ser descritivo e pouco exaustivo. A presente dissertação procura alertar para a pertinência do estudo do discurso mediático sobre as drogas, os seus fenómenos e atores no desenho de intervenções neste domínio, para que acomodem as construções sociais sobre a temática e trabalhem no sentido de as aproximar da realidade efetiva dos fenómenos, escapando ou precavendo-se de eventuais obstáculos e resistências. Neste sentido, advoga-se a formação dos profissionais de redução de riscos na área dos meios comunicação social, de modo que estes compreendam a forma como as narrativas são construídas, a fim de garantir os seus direitos em relação às mesmas (Dillon, 1998; Noto et al., 2006).

Procura, também, reafirmar a sociedade dominante como alvo de uma intervenção estruturada e intencionalizada no sentido de a libertar de preconceitos e crenças discriminatórias veiculadas pelos media. Porém, o estudo apresentado carece de uma profundidade exaustiva, visto não analisar todas as peças jornalísticas produzidas sobre o tema, todos os diários ou semanários, ou todas as vertentes do discurso mediático (análise do discurso nos meios de comunicação social, na imprensa escrita não digital, entre outros).

Neste sentido, a presente dissertação serve de base para a criação de novos conhecimentos complementares que possam, num esforço coletivo, apreender a realidade destes fenómenos de uma forma mais compreensiva.

Por fim, importa salientar as dificuldades da análise de conteúdo da imprensa digital. As notícias digitais contemporâneas são caracterizadas pela sua fluidez e dinamismo que enfatizam a sua natureza altamente mutável, extremamente personalizada (tendo em conta o leitor) e transfronteiriça (Karlsson, 2012). Neste sentido, atualmente é cada vez mais difícil identificar as origens e meios de distribuição e “consumo” destes conteúdos digitais, visto surgirem em diversos locais e assumirem diversas formas, simultaneamente (Karlsson & Sjøvaag, 2015). O Jornalismo na era digital, transforma-se num modo elástico de comunicação que se estende no espaço (através dos diferentes domínios e formatos que adquirem as notícias na *web*) e no tempo (as notícias são, na imprensa digital, objetos permanentemente pesquisáveis e recuperáveis) (ibidem). A instabilidade deste material dificulta o processo de recolha e análise dos dados, exigindo, no investigador, um esforço acrescido na construção e operacionalização de trabalhos investigativos que tenham como objeto de estudo este material.

No caso da presente dissertação, esta dificuldade foi especialmente sentida aquando da procura do material a analisar. Além de não ser possível aceder aos mecanismos de busca no seu estado bruto (assume-se que os motores de busca e recuperação dos artigos digitais possuam filtros desenhados tendo em conta algoritmos personalizados em torno dos sujeitos, ou outros que procurem enfatizar determinadas histórias e ocultar outras), a recuperação do material foi também dificultada pelas incompatibilidades entre o material e o programa utilizado para a sua análise.

3.Recomendações para investigações futuras

Os dados apresentados podem ser complementados através de um exercício investigativo contínuo. Neste sentido, advoga-se a exploração do discurso mediático sobre as drogas e os seus fenómenos, de modo a construir um corpo de conhecimentos robusto capaz de informar e orientar as intervenções na área, atendendo ao discurso social.

Este esforço investigativo pode passar pela triangulação dos dados apresentados com outros recolhidos de fontes primárias ligadas ao tema, como jornalistas que tenham construído notícias cuja temática principal tenha sido a droga, profissionais da área da

RRMD, PUSP, educadores de pares, ativistas, figuras públicas ou do domínio político, entre outras. Postula-se que a riqueza do património experiencial de cada um destes intervenientes, analisada à luz dos dados reportados na presente dissertação, poderá oferecer novas hipóteses investigativas e enriquecer o conhecimento sobre as drogas enquanto objeto de mediatismo.

Por fim, os dados reportados na presente dissertação informam sobre as lacunas no discurso mediático das drogas, fomentando uma análise das necessidades comunicativas dos atores sub-representados, que poderá, eventualmente, conduzir à construção de um discurso social mais inclusivo e informado e por sua vez desconstruir preconceitos e estereótipos que surgem, muitas vezes, da falta de informação ou da desinformação.

Referências Bibliográficas

- Cândido Agra, & Fernandes, J. (1993). Droga enigma, droga novo paradigma. In Agra, C., Marques Teixeira, J., Negreiros, J., & Fernandes, J., Dizer a droga ouvir as drogas: estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento aditivo. (pp. 55-86). Porto: Radicário.
- Altheide, D. L. (2004). Media Logic and Political Communication. *Political Communication*, 21(3), 293–296. <https://doi.org/10.1080/10584600490481307>
- Amaral, M. (2003). Sensacionalismo: Inoperância explicativa. *Em Questão*, 9 (1), 133-146
- Amaral, M. (2007). Oh, meu Deus! Manchetes e singularidades na matriz jornalística melodramática. *ECO-PÓS*, 10 (2), 113-127
- Andrews, T. (2012). What is social constructionism?. *Grounded theory review*, 11(1).
- Bardin, L. (2011). Análise de Conteúdo (Revista e Atualizada). Edições 70.
- Barros, L. (2003). O sensacionalismo da imprensa na cobertura de crimes de natureza psicopatológica e suas consequências. *Revista CEJ*, 20, 23-29.
- Bauer, R. A., & Bauer, A. H. (1960). America, ‘Mass Society’ and Mass Media. *Journal of Social Issues*, 16(3), 3–66. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1960.tb00953.x>
- Belackova, V., Stastna, L., & Miovský, M. (2011). ‘Selling by drugs’: Content analysis of the coverage of illicit drugs in different news media types and formats. *Drugs: Education, Prevention And Policy*, 18(6), 477-489. <https://doi.org/10.3109/09687637.2011.562937>
- Bennett, C. (2017). Drugs, moral panics and the dispositive. *Journal of Sociology*, 54(4), 538–556. <https://doi.org/10.1177/1440783317727877>
- Breed, W. (1958). Mass Communication and Socio-Cultural Integration. *Social Forces*, 37(2), 109–116. <https://doi.org/10.2307/2572792>
- Carvalho, A. (2000). Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações. *Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste*:

série comunicação. ISSN 1645-2089. 14:1-2 (2000) 143-156. Retirado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5520>

Castro, P. (2002). Notas para uma leitura da teoria das representações sociais em S. Moscovici. *Análise Social*, 37(164), 949–979. <http://www.jstor.org/stable/41011617>

Caudle, S. (2004). Qualitative data analysis. *Handbook of practical program evaluation*, 2(1), 417-438.

Coomber, R. (2018). *Not all drug dealers are the same – it’s time to ditch outdated stereotypes*. The Conversation. <https://theconversation.com/not-all-drug-dealers-are-the-same-its-time-to-ditch-outdated-stereotypes-93773>

Davis, J. (2009). Judicial Reasoning and the 'Just World Delusion': Using the Psychology of Justice to Evaluate Legal Judgments. *Available at SSRN 2363731*.

Delgado, M. (2011) “Distinción y estigma. Los jóvenes y el espacio público urbano”, in TRILLA, J. et al. (eds.) *Jóvenes y espacio público. Del estigma a la indignación*, Barcelona: Edicions Bellaterra.

Dias, F. N. (2001). *Droga e toxicodependência na imprensa escrita: discurso e percurso*. Instituto Piaget.

Dillon, P. (1998). Proactive or sensationalist?: the media and harm reduction. *International Journal of Drug Policy*, 9(3), 175–179. [https://doi.org/10.1016/s0955-3959\(98\)00019-x](https://doi.org/10.1016/s0955-3959(98)00019-x)

van Dijk, T. A. (1985). *Discourse and Communication: New Approaches to the Analysis of Mass Media Discourse and Communication*. Walter de Gruyter & Co.

Donohue, G. A., Tichenor, P. J., & Olien, C. N. (1973). Mass Media Functions, Knowledge and Social Control. *Journalism Quarterly*, 50(4), 652–659. <https://doi.org/10.1177/107769907305000404>

Escohotado, A. (2004). *História Elementar das Drogas (Edição Portuguesa)* (1ª ed.). ANTIGONA EDITORES REFRACTARIOS, LDA.

- Felele, M. (1993). Mass Media and Legislative Process. *Sociologia e Ricerca Sociale* (41). <https://www.francoangeli.it/Riviste/SchedaRivista.aspx?IDArticolo=7553&Tipo=Articolo&lingua=it&idRivista=53>
- Fernandes, J. (1989). Estratégias qualitativas de investigação do uso de drogas e da toxicodependência. *Análise Psicológica*. 7 (1), 329-338.
- Fernandes, J. (1990). Os pós-modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas: estudo teórico-metodológico e pesquisa de terreno. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Fernandes, L. e Manita, C. (1998). Imagens da desviância. Droga, insegurança urbana e criminalidade na imprensa. *A Comunicação Social e a Toxicodependência*. Cenjo
- Fernandes, L. (2011). Do estereótipo à visão fenomenológica: análises sobre o “agarrado”. *Toxicodependências*, 17(1), 17-31.
- Fernandes, L. (2014), “A exclusão social como revelador das relações entre violência estrutural e violência quotidiana”, *Quaderns-e de l’Institut Català d’Antropologia*, 19 (1), Barcelona: ICA, pp. 175-186. [ISSN 169-8298].
- Fonte, C., 2006. Comportamentos aditivos: conceito de droga, classificações de drogas e tipos de consumo. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, (3), 104-112.
- Gelders, D., Patesson, R., Vandoninck, S., Steinberg, P., Van Malderen, S., Nicaise, P., Vander Laenen, F. (2009). The influence of warning messages on the public’s perception of substance use: A theoretical framework. *Government Information Quarterly*, 26(2), 349–357. <https://doi.org/10.1016/j.giq.2008.11.006>
- Góes, J. (2013). *Jornalismo sensacionalista: A construção de uma esfera pública limitada*. V Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Política. Curitiba – PR.
- Huang, A. (2008). Similarity measures for text document clustering. In Proceedings of the sixth New Zealand computer science research student conference (NZCSRSC2008), Christchurch, New Zealand (Vol. 4, pp. 9-56).

- Hubbard, J., DeFleur, M., & DeFleur, L. (1975). Mass Media Influences on Public Conceptions of Social Problems. *Social Problems*, 23(1), 22-34. <https://doi.org/10.1525/sp.1975.23.1.03a00030>
- Janowitz, M. (1975). Sociological Theory and Social Control. *American Journal of Sociology*, 81(1), 82-108. Retirado de www.jstor.org/stable/2777055
- Karlsson, M. (2012). Charting the liquidity of online news. *International Communication Gazette*, 74(4), 385–402. <https://doi.org/10.1177/1748048512439823>
- Karlsson, M., & Sjøvaag, H. (2015). Content Analysis and Online News. *Digital Journalism*, 4(1), 177–192. <https://doi.org/10.1080/21670811.2015.1096619>
- Koceva, D., & Mirascieva, S. (2018). From Mass Media and Culture to Mass Society. *Balkan Social Science Review*, 12(12), 59–70.
- Killough, K. (2007). "Changing the narrative: how media sensationalism affects public policy and how activists can use it to their advantage". Electronic Theses and Dissertations. 4628. <https://scholar.uwindsor.ca/etd/4628>
- Lancaster, K., Hughes, C., Spicer, B., Matthew-Simmons, F., & Dillon, P. (2010). Illicit drugs and the media: Models of media effects for use in drug policy research. *Drug And Alcohol Review*, 30(4), 397-402. <https://doi.org/10.1111/j.1465-3362.2010.00239.x>
- Lang, K., & Lang, G. (2009). Mass Society, Mass Culture, and Mass Communication: The Meanings of Mass. *International Journal Of Communication*, 3, 20. Retrieved from <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/597>
- Lazarsfeld, P. F., & Merton, R. K. (1948). *Mass communication, popular taste and organized social action* (pp. 95-118). Bobbs-Merrill, College Division.
- Lewis, D. C. (1992). Medical and Health Perspectives on a Failing US Drug Policy. *Daedalus*, 121(3), 165–194. <http://www.jstor.org/stable/20027125>
- Macé , É. (2002). Sociologie de la culture de masse: avatars du social et vertigo de la méthode. *Cahiers internationales de sociologie*, 1 (1), 45-62. <https://doi.org/10.3917/cis.112.0045>

- Machado, M. (2000). *Uso de drogas e reação social : ou da droga-delito à droga-estigma*. Porto: FDUP. <http://hdl.handle.net/10216/64353>
- Manning, P. (2006). There's no glamour in glue: News and the symbolic framing of substance misuse. *Crime, Media, Culture: An International Journal*, 2(1), 49–66. <https://doi.org/10.1177/1741659006061711>
- Manning, C., Raghavan, P., & Schütze, H. (2008). *Introduction to Information Retrieval* (1). Cambridge University Press.
- Mastroianni, F., & Noto, A. (2008). Newsmaking on Drugs: A Qualitative Study with Journalism Professionals. *Journal of Psychoactive Drugs*, 40(3), 293-300. <https://doi.org/10.1080/02791072.2008.10400644>
- McQuail, D., & Deuze, M. (2020). *McQuail's media and mass communication theory*. Sage Publications.
- Noto, A. R., Pinsky, I., & Mastroianni, F. D. C. (2006). Drugs in the Brazilian Print Media: An Exploratory Survey of Newspaper and Magazine Stories in the Year 2000. *Substance Use & Misuse*, 41(9), 1263–1276. <https://doi.org/10.1080/10826080600754868>
- Orsini, M. (2017). Frame Analysis of Drug Narratives in Network News Coverage. *Contemporary Drug Problems*, 44(3), 189-211. <https://doi.org/10.1177/0091450917722817>
- Patton, M. (2005). Qualitative Research. *Encyclopedia of Statistics in Behavioral Science*, 3, 1633–1636. <https://doi.org/10.1002/0470013192.bsa514>
- Perloff, R. (2014). Mass Communication Research at the Crossroads: Definitional Issues and Theoretical Directions for Mass and Political Communication Scholarship in an Age of Online Media. *Mass Communication and Society*, 18(5), 531–556. <https://doi.org/10.1080/15205436.2014.946997>
- Polícia Judiciária - Unidade Nacional De Combate ao Tráfico de Estupefacientes. (2020). *Relatório Anual 2020 - Combate ao Tráfico de Estupefacientes em Portugal*. Polícia Judiciária. <https://www.policiajudiciaria.pt/?s=Relat%C3%B3rio+anual>

- Poiaras, C. (1999). Contribuição para uma análise histórica da droga. *Toxicodependências*, 1, 3–12.
- Potter, W. (2011). Conceptualizing Mass Media Effect. *Journal of Communication*, 61(5), 896-915. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2011.01586.x>
- PÚBLICO. (2020). PÚBLICO é o site de notícias mais lido em Portugal. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2020/04/09/sociedade/noticia/publico-site-noticias-lido-portugal-1911685>
- Reasons, C. E. (1976). Images of Crime and the Criminal: The Dope Fiend Mythology. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 13(2), 133–144. <https://doi.org/10.1177/002242787601300204>
- Reyes-Sosa, H., Egilegor, M. L., Dos Santos, T., Perez-Marin, L., & Alvarez-Montero, F. (2019). Press Ideology as an Epistemological Connector between Framing Theory and Social Representations Theory: An Analysis of Violence and Drug Trafficking in the Mexican Press. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 54(1), 179–195. <https://doi.org/10.1007/s12124-019-09498-z>
- Ribeiro, E. (2000). Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa. Definição e Principais Características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1),93-108. ISSN: 0874-4696. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287/28720111>
- Rodrigues, A. (1984). *O Campo dos Media: Discursividade, Narrativas, Máquinas*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Rodrigues, A. (2017). *O Impacto das Notícias de Crime na Sociedade Portuguesa* (Dissertação de mestrado). Retirado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/107765/2/219365.pdf>
- Ronzani, T. M., Fernandes, A. G. B., Gebara, C. F. D. P., Oliveira, S. A., Scoralick, N. N., & Lourenço, L. M. (2009). Media and drugs: a documental analysis of the Brazilian writing media between 1999 and 2003. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(5), 1751-1761

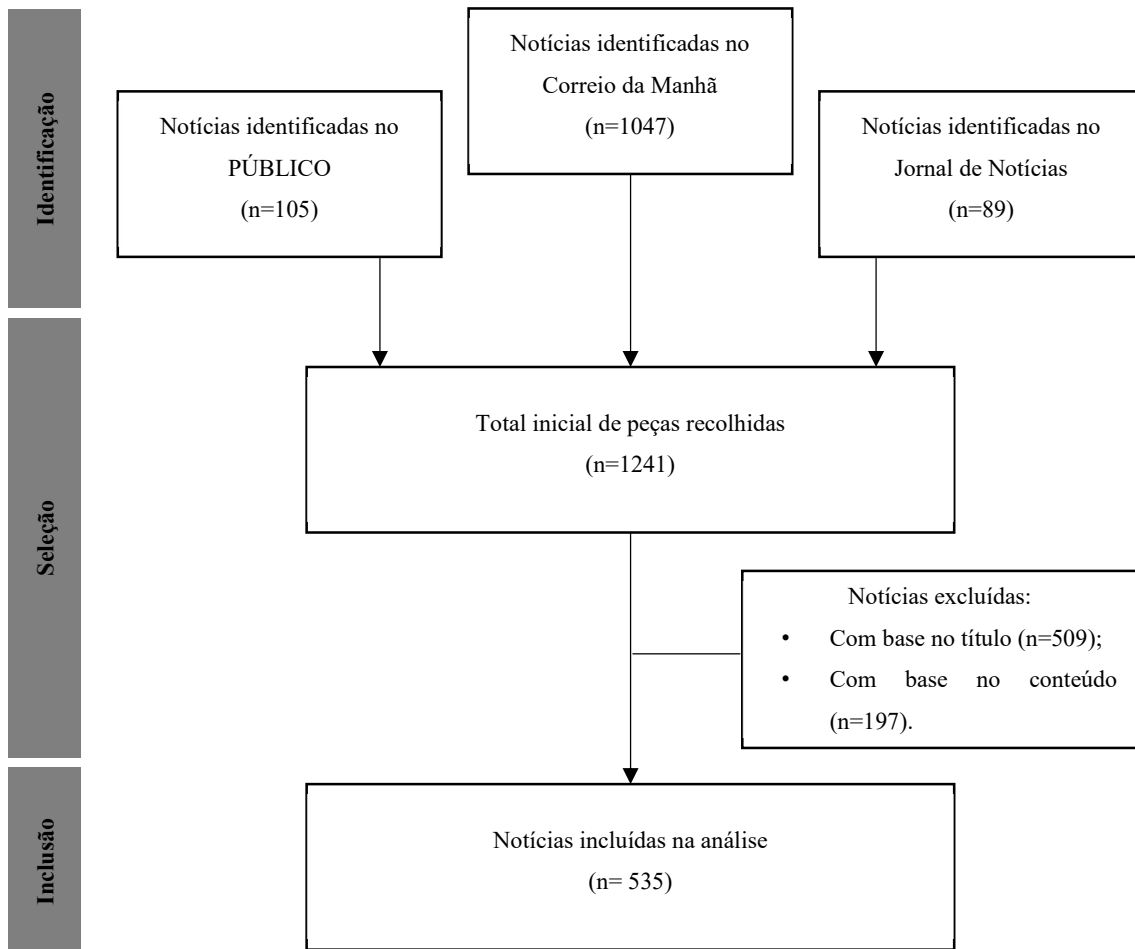
- Schack, T. (2011). Twenty-first-century drug warriors: the press, privateers and the for-profit waging of the war on drugs. *Media, War & Conflict*, 4(2), 142–161. <https://doi.org/10.1177/1750635211406013>
- Schattenberg, G. (1981). Social Control Functions of Mass Media Depictions of Crime. *Sociological Inquiry*, 51(1), 71-77. <https://doi.org/10.1111/j.1475-682x.1981.tb01029.x>
- Sequeira, J. (2003). *As Origens Psicológicas da Toxicomania* (No. 1047). [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/916>
- Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências. *Consumos*. SICAD. <http://www.sicad.pt/PT/Cidadao/Tu-alinhas/PaisEducadores/CompAditivos/Paginas/detalhe.aspx?itemId=2&lista=Consumos&bkUrl=/BK/Cidadao/Tu-alinhas/PaisEducadores>
- Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. (2020). *Relatório Anual 2019 A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências*. SICAD. <https://www.sicad.pt/PT/Publicacoes/Paginas/default.aspx>
- Shoemaker, P., Eichholz, M., Kim, E., & Wrigley, B. (2001). Individual and routine forces in gatekeeping. *Journalism and Mass Communication Quarterly*, 78(2), 233–246.
- Taylor, S. (2008). Outside the outsiders: Media representations of drug use. *Probation Journal*, 55(4), 369–387. <https://doi.org/10.1177/0264550508096493>
- Traquina, N. (1995). O paradigma do *agenda-setting*. Redescoberta do poder do jornalismo. *Revista de Comunicação e Linguagem* (21/22). Cosmos.
- Vliegthart, R. (2012). Framing in Mass Communication Research - An Overview and Assessment. *Sociology Compass*, 6(12), 937–948. <https://doi.org/10.1111/soc4.12003>
- Willig, C. (2013). *Introducing Qualitative Research in Psychology Third Edition* (Revised ed.). Open University Press.

- Wirth, L. (1948). Consensus and Mass Communication. *American Sociological Review*, 13(1), 1–15. <https://doi.org/10.2307/2086750>
- World Health Organization. (2010, December 9). *WHO | Lexicon of alcohol and drug terms published by the World Health Organization*. https://www.who.int/substance_abuse/terminology/who_lexicon/en/
- Wright, C. R. (1960). Functional Analysis and Mass Communication. *Public Opinion Quarterly*, 24(4), 605. <https://doi.org/10.1086/266976>
- Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Editorial Presença
- Yamamoto, M. (2011). Mass Media as a Macrolevel Source of Social Control: A New Direction in the Community Structure Model. *Mass Communication and Society*, 14(6), 820–837. <https://doi.org/10.1080/15205436.2011.608178>
- Zajdow, G. (2008). Moral Panics: The Old and the New. *Deviant Behavior*, 29(7), 640–664. <https://doi.org/10.1080/01639620701839476>

Anexo A

Figura 1

Fluxograma relativo à seleção da amostra para análise



Anexo B

Tabela 1
Sistema de Categorias utilizado

Tema	Categoria de 1ª ordem	Descrição
Intervenientes	-----	Excertos que descrevam os intervenientes cujo artigo jornalístico pretende reportar
	PUSP	Excertos que descrevam Pessoas que Usam Substâncias Psicoativas (PUSP)
	Traficantes	Excertos que descrevam suspeitos do crime de tráfico, vendedores, contrabandistas, gangues, cartéis, entre outros
	Forças de autoridade	Excertos que descrevam elementos das várias forças de autoridade nacionais (PSP; GNR, PM, entre outras entidades)
	Figuras públicas	Excertos que descrevam políticos/governadores, <i>influencers</i> , atores, <i>socialites</i> , entre outros
	Órgãos de monitorização	Excertos que descrevam entidades cujo trabalho é desenvolvido em torno da monitorização dos fenómenos da droga (e.g. ECCMA, SICAD, entre outros)
	Sistema/Autoridade Judicial	Excertos que descrevam tribunais, juízes, advogados, entre outros atores dentro do sistema de Justiça
	Vítimas	Excertos que descrevam vítimas dos "fenómenos da droga" (e.g. familiares assaltados; filhos de pusp com consumos indiretos, entre outros)
	Instituições estatais	Excertos que descrevam instituições de governação administrativa do país (e.g. Câmaras municipais, juntas de freguesia, casas do povo, etc.)
	Especialistas e profissionais de RRMD	Excertos que descrevam especialistas na área das drogas e pessoas/entidades que trabalham na área da redução de riscos e minimização de danos

Tema	Categoria de 1ª ordem	Descrição
Ações	Residentes em locais psicotrópicos	Excertos que descrevam residentes em locais marcados pelo tráfico e consumo de substâncias psicoativas
	Outros	Excertos que descrevam atores diversos, tais como professores ou outros educadores, entre outros
	-----	Excertos que descrevam as ações reportadas na peça jornalística
	Apreensão	Excertos que descrevam a apreensão de material envolvido no fenômeno das drogas (e.g. substâncias psicoativas, dinheiro, veículos, imóveis, entre outros)
	Detenção	Excertos que descrevam a detenção de intervenientes
	Tráfico	Excertos que descrevam a compra e venda de substâncias psicoativas, bem como operações de produção, transporte e distribuição do material estupefaciente
	Combate ao tráfico	Excertos que descrevam operações de combate ao tráfico (e.g. buscas; operações organizadas com o propósito de combate ao tráfico; investigações com o intuito de dismantelar redes de tráfico)
	Combate ao consumo	Excertos que descrevam esforços ou ações que promovam a cessação do consumo enquanto fenômeno social nocivo
	Consumo	Excertos que descrevam o consumo de substâncias, desde o consumo esporádico à dependência e à cessação do mesmo
	Ação Judicial	Excertos que descrevam ações do foro da Justiça (e.g. atribuição de penas, condenação, julgamentos ou outros procedimentos legais, entre outras)
Ação Política	Excertos que descrevam o panorama legal em torno das drogas e o debate sobre as políticas atuais	
Sociedade	Excertos que descrevam o papel das drogas na sociedade atual, as suas consequências e riscos e/ou benefícios	

Tema	Categoria de 1ª ordem	Descrição
	Intervenção	Excertos que descrevam intervenções de cariz sócio-sanitário, de saúde, entre outros.
Droga	-----	Excertos que descrevam as substâncias psicoativas
	Anfetaminas	-----
	Benzodiazepinas	-----
	Bloom	-----
	Bolota	-----
	Canábis	-----
	Cocaína	-----
	Cogumelos alucinogénicos	-----
	Ecstasy	-----
	Haxixe	-----
	Heroína ou outros opioides	-----
	Khat	-----
	Liamba	-----
	LSD	-----
	Morfina	-----

Anexo C

Tabela 2

Ações identificadas no material em análise

	PÚBLICO		Jornal de Notícias		Correio da Manhã	
Número de referências ao tema	43		68		414	
Ações	Frequência absoluta	%	Frequência absoluta	%	Frequência absoluta	%
Ação judicial	16	37,21%	42	61,76%	218	52,66%
Ação política	7	16,28%	4	5,88%	3	0,72%
Apreensão	23	53,49%	46	67,65%	312	75,36%
Combate ao consumo	1	2,33%	1	1,47%	2	0,48%
Combate ao tráfico	18	41,86%	48	70,59%	139	33,57%
Consumo	12	27,91%	8	11,76%	19	4,59%
Detenção	20	46,51%	51	75,00%	336	81,16%
Intervenção	9	20,93%	3	4,41%	2	0,48%
Sociedade	12	27,91%	9	13,24%	15	3,62%
Tráfico	26	60,47%	53	77,94%	331	79,95%

Nota. A percentagem é relativa ao total de referências do tópico, por diário.

Anexo D

Tabela 3

Intervenientes identificados no material em análise

Intervenientes	PÚBLICO	Jornal de Notícias	Correio da Manhã	Total
Forças de autoridade	28	58	383	469
Traficantes	23	55	327	405
Sistema/Autoridade judicial	13	37	187	237
PUSP	14	12	46	72
Órgãos de monitorização	7	4	6	17
Instituições estatais	7	5	1	13
Especialistas e profissionais de RRMD	10	1	3	14
Figuras públicas	8	3	3	14
Residentes em locais psicotrópicos	4	2	2	8
Vítimas	0	3	4	7
Outros	0	0	1	1

Anexo E

Tabela 4

Substâncias identificadas no material em análise

Droga	PÚBLICO	Jornal de Notícias	Correio da Manhã	Total
Cocaína	23	30	188	241
Haxixe	13	24	176	213
Heroína ou outros opióides	16	24	105	145
Canábis	8	19	90	117
Liamba	4	11	51	66
Ecstasy/MDMA	5	5	32	42
Anfetaminas	3	3	14	20
LSD	1	2	6	9
Khat	0	0	6	6
Benzodiazepinas	1	0	0	1
Bloom	0	0	1	1
Bolota	0	0	1	1
Cogumelos alucinogénicos	0	0	1	1

Anexo F

Figura 2

Dendrograma hierárquico

